

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**ENVELHECER NA ATUALIDADE: O ENSINO DE INFORMÁTICA PARA IDOSOS**

CAROLINE ANDRÉIA EIFLER SARAIVA

Prof<sup>a</sup>. Dr. Irani Iracema de Lima Argimon

Orientadora

Porto Alegre

2008

CAROLINE ANDRÉIA EIFLER SARAIVA

**ENVELHECER NA ATUALIDADE: O ENSINO DE INFORMÁTICA PARA IDOSOS**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr. Irani Iracema de Lima Argimon

Porto Alegre

2008

CAROLINE ANDRÉIA EIFLER SARAIVA

**ENVELHECER NA ATUALIDADE: O ENSINO DE INFORMÁTICA PARA IDOSOS**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 15 de janeiro de 2009.

BANCA EXAMINADORA:

Prof<sup>ª</sup>. Dr. Irani Iracema de Lima Argimon (Presidente)

Prof<sup>ª</sup>. Dr. Carla Helena Augustin Schwanke

Prof<sup>ª</sup>. Dr. Rodolfo Herberto Schneider

*“A velhice só é honrada na medida em que resiste, afirma seu direito, não deixa ninguém roubar-lhe seu poder e conserva sua ascendência sobre os familiares até o último suspiro. Gosto de descobrir o verdor num velho e sinais de velhice num adolescente. Aquele que compreender isso envelhecerá talvez em seu corpo, jamais em seu espírito.”*  
(Cícero, 103-43a.C)

*Dedico este trabalho à  
energia, à parceria e ao  
agito, tão essenciais em minha  
vida como a luz e o alimento,  
tão únicos quanto o amor e  
imprescindíveis para que  
exista a felicidade.*

## AGRADECIMENTOS

Ao melhor que a vida me deu, meu grande norte, meu porto seguro, minha carismetade, meu amado Nando. Obrigada por estar sempre comigo, por ser quem és, por me ajudar a enxergar além...

Aos meus fofuchos, Guga e Bruna, pela paciência e compreensão, ainda que não tenham certeza disso por serem muito pequenos, pelas tantas vezes em que tive que trocar as brincadeiras ou a simples convivência pelo computador!

Aos meus pais por tantos apoios, principalmente os logísticos! Sem vocês iam faltar alguns parágrafos na dissertação. Da mesma forma para meu sogro e sogra, presentes que ganhei ao longo da vida!

À minha maior incentivadora para que essa caminhada acontecesse, minha cunhada-irmã Lisiane Alvim Saraiva. Obrigada por abrir o caminho e acreditar!

À minha orientadora, Professora Dr. Irani de Lima Argimon, por aceitar o desafio de integrar a informática, os idosos e a psicologia, sempre de forma receptiva, calorosa e humana e pelo acolhimento no grupo onde sempre me senti muito bem.

Aos integrantes do Grupo de Pesquisa “Avaliação e Intervenção Psicológica no Ciclo Vital” da PUCRS, pelo convívio e pelos momentos alegres. Em especial aos bolsistas Guilherme Welter Wendt, Sabrina Gomes de Souza Rusch, Luciana Gules Mallet e Fabrícia Pereira, pela colaboração, disposição e auxílio sempre que necessário.

À CAPES por viabilizar financeiramente a realização deste estudo.

Aos meus queridos alunos e àqueles que não eram meus alunos, mas que hoje são meus amigos, por terem participado da pesquisa com tanta disposição e interesse, sempre querendo contribuir para o crescimento da pesquisa geriátrica. Muito Obrigada!

## RESUMO

A grande disseminação das tecnologias em todos os espaços da sociedade acontece ao mesmo tempo em que o país vivencia o envelhecimento populacional. O Brasil passa por um processo de transição demográfica que culmina com uma baixa mortalidade e, gradualmente, baixa fecundidade, o que resulta em um equilíbrio na quantidade total da população, mas com um aumento contínuo da população de idosos. Diante desse fenômeno, manifesta-se a necessidade de viver os anos futuros com qualidade, de forma a envelhecer bem. Com o objetivo geral de verificar se o ensino de informática pode contribuir para o desenvolvimento de uma velhice saudável, o presente estudo deu origem a dois capítulos. No primeiro capítulo foi feita uma revisão de literatura que percorre a trajetória do envelhecimento diante de algumas abordagens do desenvolvimento humano, com o objetivo de explorar os pilares de sustentação para uma velhice saudável para que através deles seja possível recriar o processo do envelhecer em cada indivíduo. Nesta revisão, foram feitas consultas a livros, resumos de congressos, teses e revistas atuais. As bases de dados Medline, Web of Science, Psycinfo, Proquest e Scielo foram acessadas nos anos de 2003 a 2008, com o objetivo de encontrar material atualizado sobre envelhecimento saudável. Observou-se que o envelhecer de forma saudável está em processo e pode acontecer para cada pessoa a partir de suas atitudes em relação ao bem-viver. No segundo capítulo, através da pesquisa empírica quantitativo-qualitativa, objetivou-se analisar os motivos pelos quais alguns idosos buscam o ensino de informática, interpretando os diversos significados existentes nessa relação de aprendizado. O estudo contou com a participação de 20 idosos com idade maior ou igual a 60 anos e que estivessem aprendendo ou já tivessem aprendido informática em aulas particulares. Utilizou-se uma ficha de dados sociodemográficos, organizada para o estudo, o Inventário de Depressão de Beck (BDI-II) e um questionário semi-estruturado. Os dados foram analisados quantitativamente através do Excel e qualitativamente pela Análise de Conteúdo de Bardin. Constatou-se que a amostra possui um nível socioeconômico alto, com uma maior incidência de participantes do sexo feminino (75%). A maior parte da amostra (45%) encontrou-se na faixa de 71 a 80 anos, sendo que, nessa faixa, a maioria era casada, destacando-se a quantidade de idosos que utiliza o computador há mais de três anos. Através das entrevistas, os participantes expressaram a mudança de comportamento diante do computador, a percepção de auto-eficácia adquirida e a importância do vínculo professor-aluno. Evidenciou-se uma busca por manter-se inserido na contemporaneidade, para que seja possível conversar com familiares e amigos. Além disso, observou-se a necessidade premente de afetividade nas relações, salientando-se a relevância do prazer de aprender que remete a uma nova forma de envelhecer. O professor é um agente de transformação que deve ter conhecimento de envelhecimento e de informática, ter perspicácia e empatia e ser paciente, ajustando o ensino ao ritmo e interesse do aluno. Por fim, concluiu-se que a informática com todas as suas possibilidades, tanto do ponto de vista do conhecimento, como de superação, valorização e comunicação, pode ser mais um meio de auxílio para manter a pessoa ativa e, conseqüentemente, envelhecendo de forma saudável.

**Palavras-Chave:** bem-estar na velhice, velhice bem-sucedida, satisfação de vida na velhice;velhice saudável.

**Área de Conhecimento:** Psicologia (7.07.00.00-1)

## ABSTRACT

The spread of technology among the society occurs at the same time Brazilian population is getting older. Brazil has been facing a demographic transition process, reaching a low mortality rate and, gradually, a low fruitfulness rate as well, which lead to a stability of the population growth. As a consequence, the number of elderly people is increasing year by year. Due to these circumstances and in order to enjoy the ageing, there is a demand for living the next years with a high quality of life. With the general purpose to understand if there is a real contribution of computer science learning in healthy ageing, the present study was composed by two different chapters. In the first one a literature review was done approaching the path of ageing considering some human development theories, with the purpose of exploring the basis of healthy ageing in order to recreate the ageing process in each person. To accomplish the objective previously mentioned, many sources were consulted, such as books, conferences and congresses summary, thesis and specific magazines. The Medline, Web of Science, Psycinfo, Proquest and Scielo databases were accessed between the year of 2003 and 2008 with the objective to find out updated material about healthy ageing. It was noticed that healthy ageing is a continue process which can happen to anyone who has positive attitudes related to well-being. By an empirical quantitative-qualitative research, the aim of the second chapter was to analyze why some old people look for computer science lessons, interpreting the existence of multiple reasons in this apprenticeship process. The study counted with 20 elderly people who were 60 or more years old and that were studying or had already studied computer science in private classes. A socio-demographic data questionnaire, organized for the study, the BDI-II and a semi-structured questionnaire, were answered by the participants. The obtained data were analyzed by quantitative and qualitative methodologies, the first one using Excel spreadsheet and the second one based on Bardin's content analysis. It was verified a high socio-economical level, with a great incidence of female participants (75%). The most part of the sample (45%) were in the age ranging between 71 and 80 years old and, in this range, were married, having operated computers for more than 3 years. According to the interviews the participants expressed how they have changed their behavior towards computers, the acquisition of self-efficacy and the importance of the relationship between teacher and learner. They also have shown a will to keep themselves inserted in the contemporary world, so that it is possible to talk with relatives and friends. Besides, they related the need of affectiveness in relationships and put in evidence that the pleasure of learning leads to a new way of getting old. The teacher is a transformation agent who must have aging and computer knowledge, as well as being perspicacious, emphatic and patient, adapting the teaching to the rhythm and interest of each student. Finally, it was concluded that the computer, with all its possibilities, both in terms of knowledge, as of overcoming, recovery and reporting, may be another tool of helplessness to keep the person active and, therefore, aging in a healthy way.

**Keywords:** well-being in elderly; well-being older people; well-being old age; successful aging; life satisfaction older people

**Knowledge area:** Psychology (7.07.00.00 - 1)



## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS</b> -----	10
<b>TABELAS</b> -----	11
<b>INTRODUÇÃO</b> -----	12
<b>CAPÍTULO I: Do envelhecer ao envelhecer bem: uma revisão de literatura</b> -----	15
Introdução -----	15
Metodologia -----	16
Fundamentação Teórica -----	16
Considerações Finais -----	30
Referências -----	33
<b>CAPÍTULO II: Informática além do aprender: o ensino para idosos e seus diversos significados</b> -----	36
Introdução -----	36
Metodologia -----	41
Procedimento de Coleta e Análise dos Dados -----	43
Resultados e Discussão -----	50
Estudo Quantitativo -----	50
Estudo Qualitativo -----	57
Considerações Finais -----	73
Referências -----	76
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> -----	80
<b>ANEXOS</b> -----	82
Anexo 1: Aprovação do Comitê de Ética da PUCRS -----	83
Anexo 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -----	84
Anexo 3: Ficha de dados sociodemográficos -----	85
Anexo 4: Lista das 20 estrelas mais brilhantes -----	86

**TABELAS**

Tabela 1 - Os oito estágios do desenvolvimento de Erikson -----	19
Tabela 2 - Unidade de Análise – Motivação -----	45
Tabela 3 - Unidade de Análise – Impacto -----	46
Tabela 4 - Unidade de Análise – Pressuposições -----	46
Tabela 5 - Unidade de Análise – Reavaliações -----	47
Tabela 6 - Unidade de Análise – Motivos -----	47
Tabela 7 - Unidade de Análise – Vínculo -----	48
Tabela 8 - Unidade de Análise – Características do Professor -----	49

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Gráfico de amostra por idade -----	51
Figura 2 - Gráfico de amostra por sexo -----	51
Figura 3 - Gráfico de amostra por escolaridade -----	52
Figura 4 - Gráfico de amostra por renda -----	52
Figura 5 - Gráfico de amostra por profissão -----	53
Figura 6 - Gráfico de Idade X Estado Civil -----	54
Figura 7 - Gráfico de Idade X Tempo que já usa o computador -----	55
Figura 8 - Gráfico de utilização do computador -----	56
Figura 9 - Gráfico de utilização do tempo livre -----	57

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado faz parte do conjunto de estudos e pesquisas do Grupo de Pesquisa “Avaliação e Intervenção no Ciclo Vital”, coordenado pela Professora Dr. Irani I. de Lima Argimon, vinculado à linha de pesquisa Avaliação e Intervenção em Grupos Clínicos e Não-clínicos, no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da PUCRS. Esta pesquisa está inserida na área do envelhecimento, um dos focos principais do grupo de pesquisa.

O interesse em pesquisar sobre o ensino de informática voltado para o público acima de 60 anos foi despertado primeiro pela formação da autora na área mencionada e depois pelo fato de poder auxiliar na aproximação entre idosos e tecnologia, mostrando que existe um potencial de aprendizado a ser explorado e vivido. Além disso, a experiência prática e diária da autora, no trabalho com idosos, trouxe inúmeras questões cujas respostas poderiam ser encontradas no aprofundamento do estudo na área do envelhecimento. Acreditando na real possibilidade de aprendizado dos idosos e, principalmente, na inserção deles no mundo tecnológico, uma necessidade atual, o foco dessa pesquisa delineou-se abrangendo todos esses motivos de forma a poder auxiliar na busca de um bem-viver na velhice.

Foi constatada que existe uma carência muito grande de estudos com uma abordagem do ponto de vista psicológico diante dos desafios que o “aprender informática” pode trazer para esse público, bem como conseqüências positivas ou não de seu uso na velhice. Portanto, o objetivo de verificar se o ensino de informática para idosos pode contribuir para o desenvolvimento de uma velhice saudável, se insere na temática do grupo de pesquisa acima mencionado.

Como primeiro passo na realização da presente dissertação, houve a elaboração prévia do projeto de pesquisa, o qual foi aprovado pela Comissão Científica da Faculdade de

Psicologia da PUCRS e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS. O projeto deu origem a dois capítulos, onde, no primeiro, será apresentada uma fundamentação teórica sobre o envelhecimento rumo ao envelhecer bem e no segundo, será descrita a pesquisa empírica realizada, com seus respectivos resultados, cujo tema foi o aprendizado de informática para idosos.

O primeiro capítulo intitulado “Do envelhecer ao envelhecer bem” é uma revisão de literatura que percorre a trajetória do envelhecimento diante de algumas abordagens do desenvolvimento humano, tendo como norte a busca por uma velhice saudável. Nesta revisão, foram feitas consultas a livros, resumos de congressos, teses e revistas atuais. As bases de dados Medline, Web of Science, Psycinfo, Proquest e Scielo foram acessadas, com o objetivo de encontrar material atualizado sobre envelhecimento saudável ou bem-sucedido e o bem-estar na velhice. A pesquisa desses periódicos foi restringida aos anos de 2003 a 2008 para que pudesse atender ao critério de atualidade nas informações. Observou-se que o envelhecer de forma saudável está em processo e pode acontecer para cada pessoa a partir de suas atitudes em relação ao bem-viver. Para tanto, praticar atividades físicas, aprender a utilizar o computador, envolver-se com programas voluntários, dedicar-se a filhos e netos e manter o relacionamento social são novos papéis que podem ser adotados ou mantidos na velhice, com o objetivo de ressignificar essa etapa da vida e alcançar o envelhecimento bem-sucedido. Ainda o estabelecimento de metas de vida e o desenvolvimento de atividades produtivas, de forma a manter-se ativo e autônomo, são ações que trazem um equilíbrio entre ganhos e perdas e como consequência a manutenção da auto-estima.

O segundo capítulo refere-se à pesquisa empírica intitulada “Informática além do aprender: o ensino para idosos e seus diversos significados”. O estudo contou com a participação de 20 idosos com idade maior ou igual a 60 anos e que estivessem aprendendo ou já tivessem aprendido informática em aulas particulares. A idéia de escolher apenas alunos

que procuraram o ensino individualizado é explicada pelo fato de não existirem estudos nesse sentido, ao mesmo tempo em que há uma demanda crescente para tal, além de abranger a área de atuação da pesquisadora. O objetivo foi analisar os motivos pelos quais alguns idosos buscam o ensino de informática, interpretando os diversos significados existentes nessa relação de aprendizado. Utilizou-se uma ficha de dados sociodemográficos, organizada para o estudo, o Inventário de Depressão de Beck (BDI-II) e um questionário semi-estruturado. Os dados foram analisados quantitativamente através do Excel e qualitativamente pela Análise de Conteúdo de Bardin. Constatou-se uma maior incidência de participantes na faixa de 71 a 80 anos, casados, destacando-se a quantidade de idosos da amostra que utiliza o computador há mais de três anos, uma informação relevante no tocante à busca por atualização e inserção tecnológica. Através das entrevistas, os participantes expressaram os mais diversos sentimentos e necessidades diante do computador e do vínculo professor-aluno. Evidenciou-se uma busca por manter-se inserido na contemporaneidade, para que seja possível conversar com familiares e amigos, o prazer de aprender cuja relevância remete a uma nova forma de envelhecer e a necessidade premente de afetividade nas relações. Citam, para tanto, a aplicação de um ensino pedagógico voltado para as características dos idosos onde é preciso respeitar o ritmo, repetir os conteúdos quantas vezes for preciso, estimular, instigar o aprendizado, lançar desafios e contextualizar com o dia-a-dia do aluno.

Por fim, nas considerações finais, mostram-se pontos do trabalho como um todo que merecem destaque na justificativa da realização do estudo. Espera-se que esta dissertação, do ponto de vista teórico e empírico, contribua para aperfeiçoar a troca entre idosos e a informática, de forma a criar uma aproximação diante da relação inversamente proporcional ocorrida entre a evolução das tecnologias e a compreensão e uso delas pelos mais velhos.

## **CAPÍTULO I**

### **Do envelhecer ao envelhecer bem: uma revisão de literatura**

#### **Introdução**

Nos dias atuais, entender como se processa o envelhecimento e seus vieses, torna-se imprescindível na medida em que os números revelam um aumento substancial na quantidade de pessoas da terceira idade, já havendo referência ao termo quarta idade que inclui os idosos com mais de 80 anos. O país está envelhecendo devido a fatores tais como o controle das taxas de natalidade, um maior controle sobre doenças infecciosas e doenças em geral e também o controle sobre as taxas de mortalidade.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2003), a taxa de mortalidade infantil caiu 8,6% em relação a 2000 e vem declinando em função de diversas políticas de saúde pública implantadas no País. Primeiramente, com o advento dos antibióticos no combate às enfermidades infecto-contagiosas. Mais recentemente, através de campanhas de vacinação em massa, atenção ao pré-natal, aleitamento materno, agentes comunitários de saúde, entre outras. Com isso, segundo projeções estatísticas da Organização Mundial da Saúde, entre 1950 e 2025, a população de idosos no País crescerá 16 vezes contra 5 vezes da população total, colocando o Brasil como sexta população de idosos do mundo, com um crescimento populacional acelerado só comparável ao do México e Nigéria.

Diante desse cenário, o envelhecimento entendido como um processo heterogêneo, natural e inevitável, precisa ser pensado sob uma ótica positiva para que possa adicionar vida de qualidade aos anos futuros. Cupertino, Rosa e Ribeiro (2007) defendem que as evoluções nos paradigmas sobre o desenvolvimento e o envelhecimento, trazem para discussão a possibilidade do envelhecimento poder ser vivido com satisfação, saúde e bem-estar,

instigando a busca de variáveis que interferem no alcance de um envelhecimento bem-sucedido.

Enfatizando a trajetória do envelhecimento através do ciclo vital, a proposta deste capítulo é explorar os pilares de sustentação para uma velhice saudável para que através deles seja possível recriar o processo do envelhecer em cada indivíduo. Para tanto, são descritas características do desenvolvimento humano que englobam as duas últimas etapas da vida, é apresentado o conceito de velhice bem-sucedida advindo da Gerontologia nos anos 60 e são trazidos os resultados de estudos atuais nesta temática.

### **Metodologia**

Foi realizada uma revisão de literatura através da consulta a livros, resumos de congressos, teses e revistas atuais. As bases de dados Medline, Web of Science, Psycinfo, Proquest e Scielo foram acessadas, com o objetivo de encontrar material atualizado sobre envelhecimento saudável ou bem-sucedido e o bem-estar na velhice. A pesquisa foi restringida aos anos de 2003 a 2008. Os descritores utilizados foram: “well-being elderly”; “well-being older people”; “well-being old age”; “successful aging” e “life satisfaction older people”.

### **Fundamentação Teórica**

#### *O desenvolvimento humano*

Não é interessante pensar sobre o envelhecer, sem falar sobre todo o ciclo de desenvolvimento humano que se inicia com a concepção de um novo ser. Desde esse primeiro pulsar de vida, ainda na etapa fetal, já se possui a capacidade de aprender e lembrar, o que durante todo o ciclo vital acontece de forma diferenciada e muito particular entre os seres humanos. Até o início do século XX, predominavam mitos e estereótipos sobre o idoso.



Priorizavam-se estudos nas faixas etárias da infância e adolescência, havia poucos comparando performance entre grupos de adultos e idosos, resultando na vinculação do envelhecimento às perdas. Mas, desde o final da década de 30, diversos estudos importantes de longa duração, concentraram-se na inteligência e no desenvolvimento da personalidade na idade adulta e na velhice (Cupertino, Rosa & Ribeiro, 2007). Assim, novas perspectivas surgiram sobre o estudo do desenvolvimento no ciclo da vida.

Baltes, Lindenberger & Staundiger (1998) citam alguns preceitos fundamentais para a abordagem de desenvolvimento no ciclo vital. São eles:

- O desenvolvimento é vitalício, com cada fase possuindo sua importância e podendo afetar as que ainda virão;
- O desenvolvimento depende da história e do contexto. Cada pessoa constrói sua personalidade e sua forma de viver, de acordo com o seu contexto social e familiar;
- O desenvolvimento é multidirecional e multidimensional, pois acontece em cada ambiente presente na vida da pessoa, com influências externas ou internas e envolve um equilíbrio entre crescimento e declínio;
- O desenvolvimento é flexível, existe um potencial para mudanças que podem ocorrer em todas as etapas.

Conhecer as características comuns de cada faixa etária constitui-se no objeto de estudo do desenvolvimento humano. As formas de perceber, compreender e se comportar diante do mundo foram estudadas por vários cientistas dentro de suas perspectivas teóricas, identificadas por suas respectivas teorias representativas. Este trabalho pretende apresentar três delas, que são a perspectiva psicanalítica, a perspectiva de aprendizagem e a perspectiva cognitiva.

Na perspectiva psicanalítica que defende a influência das forças inconscientes no comportamento, duas teorias encontraram lugar em suas definições originais. Freud

acreditava que os primeiros anos de vida das crianças eram cruciais para a formação da personalidade e que muitas explicações a respeito de conflitos na vida mental de um indivíduo poderiam advir do inconsciente. Freud, baseado na sua crença de que a motivação para o comportamento humano provinha da pulsão sexual instintiva, definiu cinco fases de desenvolvimento da personalidade: fase oral, fase anal, fase fálica, fase de latência e fase genital. Foram denominadas de fases do desenvolvimento psicosssexual, cujas formas de gratificação e as áreas físicas de gratificação são os elementos básicos que as definem. Em sua teoria, Freud deduzia que se uma criança recebesse muito pouca ou excessiva gratificação em qualquer uma das etapas, haveria fixação em determinada fase, acarretando regressão no crescimento normal (Fadiman & Frager, 1986).

Sem negar a teoria freudiana sobre o desenvolvimento psicosssexual, o psicanalista alemão Erik Erikson partia do pressuposto de que o ego é vitalício, definindo a teoria do desenvolvimento psicossocial (Erikson, Erikson & Kivnick, 1986), cuja abrangência durante o ciclo da vida possui oito estágios. A característica principal de mudanças entre os estágios refere-se à resolução de uma crise de personalidade, onde um traço positivo possui um negativo correspondente. O êxito em cada mudança leva à construção de uma virtude e ao desenvolvimento saudável do ego. Na primeira infância, a crise se constitui na dicotomia Confiança X Desconfiança básica, ou seja, é uma fase significativa não apenas porque a localização do prazer está na boca, mas porque, diante de uma situação de alimentação, a criança estabelece uma relação de confiança ou desconfiança com sua mãe, adquirindo como virtude a esperança. Ainda nesse estágio, a fase anal, para Erikson, é importante não apenas pela mudança na natureza da principal zona erógena, mas porque acontece a troca das fraldas pelo penico, uma situação social significativa para o crescimento da criança e que traz um senso de autonomia, ou se não for bem elaborada, um sentimento de dúvida sobre si mesmo. Na adolescência, a tarefa principal é a formação de uma identidade de ego, uma confiança

resultante da maneira como a pessoa se vê, ou uma difusão de papéis para aqueles que não conseguem saber realmente quem são, resultando na crise Integridade X Difusão de Papéis. No início da idade adulta, a crise se concentra em Intimidade X Isolamento, o que pode ser explicado pela aceitação de sucessos e decepções na vida ou o isolamento que remete a uma fixação em decepções passadas ou na morte futura. Nos últimos anos da idade adulta, a crise gira em torno da Integridade X Desespero, ou seja, aceitação do modo de viver, um contentamento com o *self* ou o desespero diante do medo da morte e do que não construiu durante a vida, adquirindo a virtude da sabedoria (Pervin & John, 2004).

Araújo (2005), ao se referir a Erikson, salienta para o fato de ser este o primeiro autor que deu ênfase ao estágio do desenvolvimento humano contemplando toda a vida adulta. Através de seus estudos, contribuiu significativamente para a compreensão de transformações ocorridas na velhice.

**Tabla 1 - Os oito estágios do desenvolvimento de Erikson**

<b>Estágio Psicossocial</b>	<b>Idade</b>	<b>Significado</b>	<b>Virtude</b>
Confiança X Desconfiança	1	O bebê desenvolve a idéia de confiança em si mesmo e nos outros, otimismo.	Esperança
Autonomia X Vergonha e Dúvida	2-3	A criança desenvolve um equilíbrio entre independência e auto-controle, e vergonha e dúvida.	Vontade
Iniciativa X Culpa	4-5	A criança desenvolve iniciativa quando experimenta novas atividades e não é dominada pela culpa.	Propósito
Produtividade X Inferioridade	Latência	A criança é capaz de ser absorvida por um trabalho produtivo e ter orgulho diante desse ou sentimento de inadequação e inferioridade.	Habilidade
Identidade X Difusão de Papéis	Adolescência	O adolescente consegue estabelecer uma identidade de ego ou sentir confusão de papéis.	Fidelidade
Intimidade X Isolamento	Início da idade adulta	A pessoa desenvolve um senso de intimidade com a aceitação de sucessos e fracassos ou pode sofrer de isolamento e auto-absorção.	Amor
Geratividade X Estagnação	Idade adulta	O adulto preocupa-se em estabelecer e orientar a nova geração ou sente empobrecimento pessoal.	Consideração

Integridade X Desespero	Últimos anos	O idoso tem um sentimento de contentamento consigo mesmo e suas realizações ou um desespero diante do que não conseguiu e diante da morte.	Sabedoria
----------------------------	--------------	--	-----------

---

Fonte: (Pervin & John, 2004) e (Papalia, Olds & Feldman, 2006)

Na perspectiva da aprendizagem, a tese defendida é de que o desenvolvimento humano resulta da aprendizagem, destacando como pontos principais as influências do ambiente e possíveis adaptações e a criação de novos padrões de comportamento (Berger, 2003). Os dois principais ramos são o Behaviorismo, com o Condicionamento Clássico e o Condicionamento Operante e a Teoria da Aprendizagem Social.

Conforme Baum (2006), o Behaviorismo é um conjunto de idéias que aborda a análise do comportamento, tornando-se assim uma filosofia da ciência e não a própria ciência. Dessa forma, procura explicar o comportamento humano como resultado da aprendizagem através das influências do ambiente, com fatos observáveis. Um tipo de aprendizagem pertencente a essa filosofia é o Condicionamento Clássico, preconizado por Ivan Pavlov, fisiologista russo, ao estudar os reflexos condicionados. Seu experimento principal consistiu em estimular cães com som ou com luz, regularmente, durante o ato de dar comida. Pôde observar que sempre que a música era tocada o animal passava a salivar e secretar sucos digestivos no estômago, já sabendo que receberia o alimento.

No Condicionamento Operante, definido por Skinner, psicólogo norte-americano, todo comportamento é influenciado pelas conseqüências dele próprio, havendo um estímulo de reforço que pode ser positivo quando aumenta a probabilidade de repetição desse comportamento, através de uma recompensa, ou negativo quando enfraquece um determinado comportamento em proveito de outro que traga melhor resposta. Além disso, existe a punição, que diferentemente do reforço negativo, tende a inibir certo comportamento (Ries, 2003a).

Albert Bandura, psicólogo norte-americano, nascido em 1925, apresenta uma terceira posição por não acreditar que apenas o meio influencia o comportamento, considerando que

este depende do mundo simbólico interno, acentuando a importância da aprendizagem por observação. Cria então, a Teoria da Aprendizagem Social, também conhecida como Teoria Sociocognitiva, onde vê o indivíduo como um agente intencional e reflexivo, dotado de prerrogativas de autodireção, no que concerne ao comportamento (La Rosa, 2003). Bandura enfatiza a importância das auto-imagens de eficácia como mediadores cognitivos da ação, ou seja, o julgamento que as pessoas fazem com elas mesmas em relação à capacidade de realizar determinada tarefa, influencia o pensamento, as emoções e a ação. (Pervin & John, 2004).

Na perspectiva cognitiva a preocupação principal faz referência aos processos mentais e o comportamento gerado a partir deles. Piaget durante a observação de seus próprios filhos concluiu que as crianças não pensavam como os adultos por não possuírem estruturas cognitivas complexas. Com isso, formulou a Teoria dos Estágios Cognitivos, onde definiu a existência de estágios sequenciais para a formação das estruturas cognitivas, qualitativamente diferentes, com um encadeamento que passa a ser mais abrangente e complexo em cada fase. No final dos anos 60, a teoria de Piaget passa a ser contestada por pesquisas que não reafirmaram a crença de que o pensar das crianças evoluía em uma única progressão. Algumas dessas pesquisas demonstraram que ele subestimou as capacidades das crianças pequenas. Mas, não obstante, as descobertas de Piaget foram muito importantes para a compreensão do desenvolvimento cognitivo, além de ter gerado um número relevante de novas pesquisas na área. (Ries, 2003b)

A partir destas teorias e de estudos originados em sua concepção a respeito do desenvolvimento humano, os cientistas puderam evoluir na compreensão dos comportamentos e suas conseqüências para a vida.

*O período da meia-idade*

O período da meia-idade definido como um período intermediário entre a idade adulta e o início da terceira idade, compreendendo, aproximadamente, dos 45 aos 59 anos, encerra, atualmente, em sua definição, novas idéias. Observou-se, a partir da revisão de literatura, que esse período ficou muito conhecido pela “crise da meia-idade” com uma conotação negativa, por ser marcado pela ansiedade da aposentadoria, os incômodos das mudanças na sexualidade masculina e feminina e a síndrome do ninho vazio (Papalia, Olds & Feldman, 2006; Bee, 1997; Queroz & Néri, 2005).

Porém, com a contemporaneidade e a expectativa de vida aumentando significativamente a cada ano, as características dessa fase também estão sofrendo um processo de mudança em sua concepção. Silveira e Wagner (2006) indicam um ponto dessa mudança em seu estudo referente à permanência do adulto jovem em sua família de origem, dando voz a um novo termo denominado “ninho cheio”, onde a saída dos filhos da casa paterna, em razão de aspectos relativos à realidade social, política e econômica, tem sido cada vez mais retardada.

Lopes, Neri e Park (2005) atentam para as alterações ocorridas nos últimos 30 anos, nas famílias, na configuração sociodemográfica da população e mesmo nos valores sociais, que acabaram influenciando as configurações familiares e também o tipo de cuidado que os avós dispensam a seus netos. Hoje, muitos daqueles que antes desempenhavam os papéis de bonachões ou permissivos, passam a ter atribuições de pais, devendo agora impor limites e regras. Embora tenham acontecido muitas mudanças na relação familiar, esse novo papel de avô ou avó é muito esperado em função da renovação de si mesmo e da família. Geralmente, ao chegar nessa etapa da vida, a casa está vazia e uma criança traz agilidade, curiosidade, afeto e tantos outros sentimentos esquecidos com o tempo.

Bee (1997) ressalta como característica principal da meia-idade alguns paradoxos encontrados em seu desenvolvimento. Ao mesmo tempo em que se inicia o declínio físico, o

nível de satisfação conjugal é elevado, em função da saída dos filhos de casa e conseqüente relaxamento na intensidade do papel social de pai e mãe, diante de um maior tempo disponível para convivência. Além disso, novos papéis são criados, o de avôs ou avós, numa época em que são extremamente solicitados como filhos no cuidado de seus próprios pais.

No início do século XX, dentro das abordagens teóricas clássicas, o período da meia-idade ou idade adulta foi considerado estável no tocante às mudanças psicossociais. Freud não via propósito na psicoterapia para pessoas com mais de 50 anos, pois considerava que a personalidade estivesse permanentemente formada e os processos mentais muito inflexíveis. Carl Jung sustentava que a individuação, ou seja, voltar-se para o seu interior, era fundamental para o desenvolvimento saudável nesta etapa (Papalia et al, 2006).

Erikson (1985), em suas idéias, defendia que a meia-idade era um período para voltar-se ao exterior. Dentro dos oito estágios psicossociais conceituados por ele, o sétimo estágio refere-se aos adultos maduros e é definido por Geratividade X Estagnação, onde geratividade é a capacidade de adultos maduros orientarem a nova geração para a perpetuação de hábitos e culturas. A estagnação refere-se aos que não conseguem ter êxito nesta tarefa e que se sentem empobrecidos pessoalmente. Ainda, para Erikson (1985), a geratividade manifesta-se de maneira mais intensa na meia-idade, como uma reação à estagnação no desenvolvimento da personalidade. O conceito inclui procriatividade, produtividade e criatividade, que se manifestam na geração de novos seres, de novos produtos e de novas idéias, e também num processo de autodesenvolvimento que se reflete na elaboração da identidade de adulto maduro. Para o autor, a geratividade é um indicador de ajustamento da meia-idade e na velhice está relacionada ao cumprimento de tarefas evolutivas interna e culturalmente determinadas (Queroz & Néri, 2005).

Atualmente, quando a expectativa de vida, segundo dados do IBGE (2003) é de 71,3 anos, a meia-idade tornou-se uma fase de construção para um melhor envelhecimento, pois

uma pessoa que possui 50 anos encontra-se em sua plena capacidade física, intelectual e cognitiva e entende que tem, ainda, muito a contribuir para a sociedade e para ela mesma. É uma pessoa disposta, saudável, com motivação própria, que cuida da sua alimentação, que estuda novamente e ocupa seu tempo livre com atividades que lhe tragam prazer ao mesmo tempo que lhe mantenham inserida no mundo atual.

Exatamente por ainda ser uma idade de vitalidade, a meia-idade apresenta dentre várias características, uma com traços marcantes que é preocupação com a aparência. Rugas e cabelos brancos que começam a aparecer podem ser perturbadores, especialmente para as mulheres. A imagem da eterna juventude idealizada pelos meios de comunicação instituiu a busca para conter os efeitos do tempo. Kachar (2003) chama a atenção para o termo “juvenização”, referindo-se a um padrão divulgado pela mídia de vigor da juventude, como se o bom velho fosse o eterno jovem, como se fosse possível aumentar a longevidade sem chegar à velhice. Este é um momento singular de estranheza diante da própria imagem, definido como espelho negativo e vem anunciar a velhice em termos de estética (Goldfarb, 1998).

Queroz e Neri (2005) em seu estudo sobre bem-estar psicológico e inteligência emocional entre homens e mulheres na meia-idade encontraram correlação entre automotivação e crescimento pessoal, auto-aceitação e propósito de vida. As autoras consideram a automotivação imprescindível ao equilíbrio das relações interpessoais e intrapessoais, servindo como uma alavanca que impulsiona o indivíduo a elaborar planos para a própria vida, a buscar adaptações e recursos internos para lidar com as adversidades e a manter as condições adequadas para a manutenção do bem-estar psicológico. Mas essa disposição para crescimento pessoal pode estar relacionada com a cultura familiar, conforme exposto no estudo feito por Santos e Vaz (2004) que investigou a relação entre o processo de envelhecimento bem-sucedido e as influências culturais assimiladas durante a infância por



peças com mais de 70 anos, em grupos de origem étnica alemã (n=54), italiana (n=43) e mista (n=22) do Rio Grande do Sul. Os resultados demonstraram que as influências culturais familiares estão significativamente correlacionadas aos hábitos e comportamentos desses idosos que vivenciam o envelhecimento bem-sucedido, reafirmando que a cultura familiar pode influenciar o destino de seu envelhecimento.

### *O período da terceira idade*

O período denominado de terceira idade inicia-se aos 60 anos em países em desenvolvimento e aos 65 anos em países desenvolvidos, segundo classificação da Organização Mundial da Saúde (OMS). De acordo com estudo feito pelo IBGE em 2003, a esperança de vida estimada ao nascer no Brasil, para ambos os sexos, subiu para 71,3 anos. Foi um aumento de 0,8 anos em relação à de 2000 (70,5 anos). Conforme Tavares, Néri e Cupertino (2004), esse fato deve-se ao declínio na taxa de mortalidade infantil, à diminuição de mortes em adultos por doenças infecciosas e ao declínio das taxas de natalidade.

Ainda que a definição cronológica seja discutível, há um consenso entre pesquisadores que o envelhecimento é um processo único para cada pessoa, pois com a idade, as diferenças individuais acentuam-se. Há octogenários que moram sozinhos e possuem total controle e autonomia sobre sua vida, enquanto há outros, na mesma idade, com várias funções em declínio total. Cada idoso vivencia a experiência de ser idoso à sua maneira, conforme a trajetória anterior de sua vida, ou seja, de acordo com suas características biológicas, psicológicas e seu contexto social, num processo de educação-aprendizagem que se origina na própria pessoa. (Argimon & Vitola, 2003).

Segundo a teoria de Erikson, o último estágio do ciclo vital refere-se à Integridade do Ego X Desespero. Adultos mais velhos precisam avaliar, resumir e aceitar sua vida para poderem lidar com a aproximação da morte. A partir dos resultados das sete crises anteriores,

eles se esforçam para obter um senso de coerência e integridade, em vez de ceder ao desespero por sua incapacidade de reviver o passado de forma diferente (Erikson, Erikson & Kivnick, 1986). A “virtude” que pode desenvolver-se durante esse estágio é a sabedoria, uma “preocupação informada e imparcial com a própria vida diante da morte” (Erikson, 1985).

Para Tavares, Neri e Cupertino (2004) o envelhecimento pode ser normal, ótimo ou patológico. Por normal, entende-se a ocorrência de mudanças típicas que podem envolver doenças somáticas controláveis, sem impacto sobre a qualidade de vida, nem impedimentos à funcionalidade física, mental, psicológica e social. O envelhecimento patológico é compatível com o conceito de fragilidade, onde aparecem doenças crônicas e incapacitantes, ou doenças irreversíveis e degenerativas. Quando as autoras referem-se ao envelhecimento ótimo, descrevem o envelhecimento bem-sucedido, onde o idoso mantém autonomia, independência e envolvimento ativo com a vida pessoal, com a família, com os amigos, com o lazer, com a vida social.

Atualmente o tempo de ser velho parece chegar cada vez mais tarde. E é no sentido de viver bem que o termo “novo velho” começa a aparecer na mídia, em pesquisas científicas e na cultura mundial. A importância disso reside no fato de que há um novo olhar para o idoso, deixando para trás aquela imagem de invalidez, de doença, de preconceito. Como toda a mudança, ela é lenta, mas já aparecem reflexos em toda a sociedade.

### *O envelhecimento bem-sucedido e o bem-estar na velhice*

A questão do envelhecimento vista sob uma ótica positiva já era pensada no primeiro século antes da Era Cristã. Marco Túlio Cícero (103-43 a.C./2007), o grande filósofo romano, político, jurista e orador acreditava que à velhice não poderiam ser imputadas todas as lamentações que lhe eram atribuídas, mas sim ao caráter de cada um. Para Cícero (103-43

a.C./2007), os velhos inteligentes, agradáveis e divertidos suportam facilmente a velhice, ao passo que a acrimônia, o temperamento triste e a rabugice são deploráveis em qualquer idade. Além disso, falava da importância de resistir à velhice, combatendo seus inconvenientes, conservando a saúde, praticando exercícios apropriados, comendo e bebendo para recompor as forças, sem, no entanto, arruiná-las e, concomitantemente, ocupando-se do espírito e da alma.

Como se percebe, na Antiguidade já havia preocupação em entender a velhice como uma fase do desenvolvimento com limitações, mas também com virtudes não encontradas em fases anteriores. A sabedoria, o discernimento, a tranquilidade, a tomada de decisões, a maturidade e várias outras características fazem da última etapa da vida um momento rico em saberes e competências.

O termo envelhecimento bem-sucedido apareceu na Gerontologia nos anos 60, associado a uma importante mudança ideológica, que consistiu em considerar que a velhice e o envelhecimento não são sinônimos de doença, inatividade ou uma retração geral do desenvolvimento humano. Desde então, a Gerontologia passou a investigar também os aspectos positivos da velhice, o potencial para desenvolvimento e, principalmente, a heterogeneidade associada a este processo (Neri, 2003).

Para Bee (1997), o envelhecimento bem-sucedido não significa enganar a morte ou, necessariamente, viver mais anos. Significa, sim, o uso dos anos disponíveis em sua capacidade máxima. E isso inclui o uso regular de todas as funções. A mente permanece atenta, dependendo do quanto a utilizamos; o corpo retém seu funcionamento dependendo do quanto o exercitamos; as relações sociais permanecem apoiando-nos, dependendo do quanto as alimentamos, através de contato regular.

Rowe e Kahn (1998) visando definir pressupostos para melhorar a qualidade de vida nos últimos anos, apresentaram um modelo com três ações que podem influenciar

positivamente o processo de envelhecimento. Neste modelo, os autores relacionaram envelhecimento saudável com o baixo risco de doenças, a manutenção das funções cognitivas e físicas e o envolvimento ativo com a vida.

Nesse sentido, Moraes e Souza (2003), defendem que idosos socialmente ativos são mais engajados, superando com mais tranquilidade as eventuais perdas de seus papéis sociais ou até mesmo de não chegarem a perdê-los. Existe a busca por uma manutenção do status quo, das relações interpessoais significativas, de uma continuidade da vida com autonomia e fazem isso através de cuidados pessoais, estabelecendo metas em sua vida, desenvolvendo atividades produtivas remuneradas ou não, acreditando e confiando mais em si mesmo, buscando um equilíbrio entre ganhos e perdas.

Argimon e Vitola (2003) citam a importância de manter a atividade mental exercitada usando para tal, formas de lazer tais como um jogo de cartas, palavras cruzadas, jogo de memória ou até mesmo voltar a estudar, algo cada vez mais procurado por idosos. As autoras também apontam o uso do computador como mais uma atividade prazerosa, onde os idosos conseguem se comunicar com familiares ou amigos, além de acompanharem os avanços tecnológicos. Conforme assinala Jentoft (2006), a atividade cerebral mantida ao longo do tempo permite criar novas conexões neurais, além de reforçar as conexões já criadas. Com isso, há uma compensação nas conexões perdidas, que evocam o potencial de desenvolvimento mental em qualquer idade, fato que até bem pouco tempo, segundo o autor, era uma irreverência científica.

Para identificar fatores associados ao envelhecimento bem-sucedido, Moraes e Souza (2005) desenvolveram um estudo transversal com 400 idosos da região Metropolitana de Porto Alegre. Os resultados demonstraram que a manutenção das atividades da vida diária, autonomia, a satisfação com o relacionamento familiar e as amizades foram fatores preditivos para o envelhecimento bem-sucedido, tanto para homens como para mulheres.

No Canadá, Basset, Bourbonnais e McDowell (2007), pesquisaram a opinião de 2783 idosos sobre como e porque alguns idosos vivem muito e se mantêm saudáveis e obtiveram como respostas mais importantes a autonomia, manter-se cidadãos ativos e manter uma boa nutrição. A doença física apareceu de forma menos significativa do que a capacidade de se adaptar a ela. Assim como, evitar o declínio físico tanto quanto possível.

Rosa (2007) avaliou 218 idosos, com o objetivo de identificar fatores associados ao envelhecimento bem-sucedido em idosos do município de Barra Funda, RS, utilizando Índice de Barthel, Escala de Lawton e Mini-Exame do Estado Mental. Seus resultados apresentaram a resiliência, a capacidade cognitiva e as atividades instrumentais da vida diária como fatores protetores do envelhecimento bem-sucedido, identificando as doenças como um fator redutor para o mesmo construto.

Em um estudo qualitativo baseado nos pressupostos de Rowe e Kahn de envelhecimento saudável, Cupertino, Rosa e Ribeiro (2007) entrevistaram 501 idosos, com idade entre 60 e 93 anos, residentes da cidade de Juiz de Fora/MG, sobre o conceito de envelhecimento saudável para eles e o que é importante para que ele ocorra. Foram identificadas 29 categorias, sendo as mais citadas: saúde física, saúde social e saúde emocional, confirmando os pressupostos de heterogeneidade e multidimensionalidade do processo de envelhecimento. O estudo destaca ainda a correlação existente entre saúde social e estrutura familiar, expressando que a família representa tanto um suporte social para os idosos quanto uma preocupação de bem-estar dos mesmos.

A possível contribuição do bom humor para um envelhecimento saudável foi estudada por Maurer (2008) através de entrevista a 120 idosos de Nova Iorque, com idades variando entre 60 e 121 anos. Além dessa entrevista, um familiar ou um amigo também foi contatado para que falasse do humor desse idoso, atitudes diante da vida e a disposição para pedir ajuda. Houve significativa correlação entre os auto-relatos dos participantes sobre seu humor e os

relatos dos familiares, bem como a associação do humor com um envelhecimento bem-sucedido que inclui perspectivas para o futuro, grande diferença entre a idade e a idade subjetiva na direção do sentir-se jovem e a não resistência em pedir ajuda.

Conforme descreve Goldfarb (1998), os velhos mais saudáveis são aqueles que apesar de possuírem uma clara consciência de sua finitude, continuam fazendo projetos possíveis dentro dos limites de sua particular expectativa de vida, e fundamentalmente de suas possibilidades vinculares. Ao se falar de investimentos em objetos possíveis, se fala de um tipo de vínculo que cria uma subjetividade especial do “ser velho” e que se relaciona com as limitações corporais e a consciência de finitude.

De acordo com Jentoft (2006), a boa notícia é que se pode aprender a envelhecer tanto do ponto de vista médico e funcional como do ponto de vista mental e social. Para o autor, quatro palavras resumem as medidas necessárias ao envelhecimento saudável: *prevenção* dos problemas antes que apareçam; *assistência* ao tratamento dos problemas que surgem, com todos os meios possíveis; *reabilitação* das funções amenizadas durante a vida e *adaptação* frente às seqüelas inevitáveis da etapa.

Em síntese, o envelhecimento começa a ser vivido a partir do momento em que nascemos. Viver da melhor forma, preparando os anos futuros, mantendo a atividade, tratando enfermidades com brevidade e sabendo posicionar-se diante delas através de uma adaptação contínua, são atitudes que podem fazer a diferença na época da velhice.

### **Considerações Finais**

A questão do envelhecimento passa a necessitar de um olhar criterioso e atento em função do aumento no número da população idosa. O fator longevidade, com o qual o mundo está aprendendo a conviver, vem cada vez mais sendo discutido em todos os meios de comunicação, porque é imprescindível que se adicione vida de qualidade aos anos futuros.

Já na antiguidade a velhice foi pensada sob uma ótica positiva através de Marco Túlio Cícero que argumentava ser essa uma fase repleta de sabedoria e discernimento, diante da qual é preciso conservar a saúde, alimentar-se bem, praticar exercícios e ocupar-se do espírito e da alma. Mas até o início do século XX, a vinculação do envelhecimento a perdas fez com que a imagem do velho aparecesse de forma estereotipada e negativa. Imagem esta que, ainda nos dias atuais, prevalece em alguns casos, mas que também, ao mesmo tempo, vem sofrendo uma transformação cultural.

A Gerontologia passou a investigar aspectos positivos na velhice reafirmando uma mudança ideológica que consiste em um novo olhar. A velhice deve ser ativa, dinâmica, com o exercício do corpo e o exercício da mente, a fim de manter a autonomia de seus atos. Por meio de atitudes positivas frente a esta etapa da vida, inserida dentro do contexto defendido por Erikson que relaciona coerência e integridade, sem a necessidade de reviver um passado que não volta, a pessoa pode e deve elaborar um plano de adaptação e ajustamento para a sua velhice, ainda na meia-idade.

Assim como a atividade física, o computador, o envolvimento com programas voluntários, a dedicação a filhos e netos, o relacionamento social, são novos papéis que podem ser adotados ou mantidos na velhice, com o objetivo de ressignificar essa etapa da vida e alcançar o envelhecimento bem-sucedido. Os estudos apontam a necessidade de manter-se ativo, autônomo e engajado na própria vida social e na da família, mantendo, com isso, o status adquirido ao longo do tempo. Além disso, a busca por relações interpessoais significativas, o estabelecimento de metas de vida e o desenvolvimento de atividades produtivas remuneradas ou não, são ações que trazem um equilíbrio entre ganhos e perdas e como conseqüência a manutenção da auto-estima.

Em função de este ser um tema relativamente novo em pesquisa, no Brasil, encontrou-se pouco material sobre o assunto envelhecimento saudável, o que remete à sugestão de

futuros estudos, analisando formas de se obter um bem-estar nessa etapa da vida, tanto na área emocional, como cognitiva. Além disso, estudos que possam trazer dados atuais sobre a etapa anterior à terceira idade, definida como meia-idade e que atualmente possui novas características, em função de todo um ajustamento social. É interessante que sejam analisados os paradoxos citados por Bee (1997) com relação à meia-idade e aos novos paradigmas da pós-modernidade.

O novo envelhecer está em processo e pode acontecer para cada pessoa a partir de suas atitudes em relação ao bem viver. Percebe-se que a certeza de uma velhice bem-sucedida é um processo que começa muito antes de entrar no período denominado de terceira idade, é uma semente plantada nos primeiros anos de vida, regada e cuidada durante todos os anos intermediários e que realmente torna-se madura e consistente na terceira idade. O bom humor pode ser um grande aliado na direção de um novo olhar sobre esta etapa da vida. Cabe ao idoso acreditar na sua reconstrução de referenciais e, através de sua capacidade adaptativa, iniciá-la muito antes de encarar a velhice em sua potencialidade. É preciso aprender a envelhecer e, dessa forma, construir um bem viver, usufruindo a melhor forma possível dele durante a última etapa da vida.



## Referências

- Araújo, F. L. (2005). Aspectos sócio-históricos e psicológicos da velhice. *Revista de Humanidades*, 6 (13).
- Argimon, I. de L. & Vitola, J. C. (2003) Estratégias para facilitar a convivência. In Dornelles, B., Costa, J. da. *Investindo no Envelhecimento Saudável*. (pp 167- 177). Porto Alegre: EDIPUCRS..
- Baltes, P.B., Lindenberger, U. & Staundiger, U. M. (1998). Life-span theory in developmental psychology. In Lerner, R. M. (Ed.), *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development* (Vol. 1, pp. 1029-1143). New York: Wiley.
- Basset, R; Bourbonnais, V. & McDowell, I. (2007). Living Long and Keeping Well: Canadians account for success aging. *Canadian Journal on aging-Revue Canadiense Du Vieillissement* 26(2), 113-126.
- Baum, W. M. (2006). *Compreender o Behaviorismo: Comportamento, Cultura e Evolução*. 2ª edição revisada e ampliada. Porto Alegre: Artmed
- Bee, H. (1997). *O Ciclo Vital*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Berger, K. S. (2003). *O Desenvolvimento da Pessoa*. Rio de Janeiro: LTC.
- Cícero, M. T. (103-43 A.C./2007). *Saber Envelhecer e a Amizade*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM.
- Cupertino, A.P., Rosa, F. & Ribeiro, P. (2007). Definição de Envelhecimento Saudável na Perspectiva de indivíduos idosos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(1), 81-86.
- Erikson, E. H. (1985). *The life cycle completed*. New York: Norton.
- Erikson, E. H., Erikson, J. M., & Kivnick, H. Q. (1986). *Vital involvement in old age: The experience of old age in our time*. New York: Norton.
- Fadiman, J. & Frager, R. (1986). *Teorias da Personalidade*. São Paulo: HARBRA.

- Freire, S. (2000). Envelhecimento Bem-sucedido e Bem-estar psicológico. In Neri, A. & Freire, S. (orgs). *E por falar em boa velhice*. São Paulo: Papyrus.
- Goldfarb, D. (1998) *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do psicólogo.
- IBGE (2003) Recuperado em 15 de setembro, 2008, de [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=266&](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=266&)
- Jentoft, A. (2006). *La vejez positiva. Nunca es demasiado tarde para ser feliz*. Madrid: La esfera de los libros.
- Kachar, V. (2003). *Terceira idade e informática: aprender revelando potencialidades*. São Paulo: Cortez.
- La Rosa, J. (2003). Teoria da Aprendizagem Social: Albert Bandura. In La Rosa, J. (org.) *Psicologia e Educação: O significado do Aprender*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Lopes, E., Neri, A. & Park, M. (2005). Ser avós ou ser pais: Os papéis dos avós na sociedade contemporânea. *Textos sobre Envelhecimento* 8(2). Rio de Janeiro.
- Maurer, C. (2008). Does humor contribute to successful aging? *Humanities and Social Sciences*. 68 (10-A), 4425.
- Moraes, J. & Souza, V. (2003) Longevidade com qualidade de vida. In Dornelles, B., Costa, J. da. *Investindo no Envelhecimento Saudável*. Porto Alegre: EDIPUCRS. (pp 57- 69).
- Moraes, J. & Souza, V. (2005). Factors associated with the successful aging of the socially-active elderly in the metropolitan region of Porto Alegre. *Revista Brasileira de Psiquiatria* 27(4).
- Neri, A. (2003). Qualidade de vida no adulto maduro: interpretações teóricas e evidências de pesquisa. In A. L. Neri. *Qualidade de vida e idade madura* (5a. ed.) São Paulo: Papyrus.

- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2006). *Desenvolvimento Humano*. 8ª Edição. Porto Alegre: Artmed.
- Pervin, L. & John, O. *Personalidade: teoria e pesquisa*. 8ª edição. Porto Alegre: Artmed
- Queroz, N. & Neri, A. (2005). Bem-estar psicológico e Inteligência Emocional entre Homens e Mulheres na Meia-Idade e na Velhice. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), pp. 292-299.
- Ries, B. (2003a). Condicionamento Operante ou Instrumental: B.F. Skinner In La Rosa, J. (org.) *Psicologia e Educação: O significado do Aprender*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Ries, B. (2003b). A aprendizagem sob um enfoque cognitivista: Jean Piaget. In La Rosa, J. (org.) *Psicologia e Educação: O significado do Aprender*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Rosa, L. (2007). Estudo dos fatores associados ao envelhecimento bem-sucedido de idosos da comunidade de Barra-Funda-RS, Brasil. Tese de Doutorado em Medicina, PUCRS, Instituto de Geriatria e Gerontologia.
- Rowe, J. & Kahn, R. (1998). *Successful aging*. New York: Pantheon Books.
- Santos, G. & Vaz, C. (2004). O significado das experiências culturais da infância no processo de envelhecimento bem-sucedido. *RBCEH – Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, jan./junho, 23-37, Passo Fundo.
- Silveira, P. & Wagner, A. (2006). Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos de Psicologia* 23(4), outubro-dezembro, 441-453.
- Tavares, S., Neri, A. & Cupertino, A.P. (2004). Saúde emocional após a aposentadoria. In Neri, A., Yassuda, M. (orgs.) & Cachioni, M. (colab.). *Velhice Bem-sucedida*. Campinas, SP: Papirus.

## CAPÍTULO II

### **Informática além do aprender: o ensino para idosos e seus diversos significados**

#### **Introdução**

Pensar atualmente sobre uma sociedade não informatizada chega a ser uma utopia. A disseminação das novas tecnologias, em menos de 20 anos, teve uma abrangência tal que as pessoas não passam um dia sequer sem usá-las, quer seja através do celular, do banco, do computador ou de qualquer outro equipamento. A transformação de todo um sistema analógico em sistema digital, ou seja, a digitalização da informação, permitiu um avanço sobremaneira quando o assunto é som, imagem e transmissões. Conforme assinalado por Saraiva, Wendt, Rech & Argimon (2006), raramente manda-se uma carta pelo correio, no entanto utiliza-se o e-mail como um meio de comunicação em que as pessoas conversam com muito mais frequência do que antigamente. Compras podem ser feitas de forma virtual, o Imposto de Renda pode ser entregue via on-line e não é preciso ir ao banco pagar as contas. A informática passou a ser uma ferramenta acessível e útil, de forma que estar “*up-to-date*” com as novas tecnologias faz-se necessário em qualquer campo de ação, para todas as faixas etárias.

O acesso à informação tornou-se rápido e fácil e, segundo Kachar (2003), relativiza a questão do tempo e do espaço. Podemos estar virtualmente em outro país em questão de segundos, bem como podemos obter as últimas notícias ocorridas no mundo instantaneamente. Não há distância quando se trata de informação, comunicação e atualização, uma característica própria dos tempos atuais na era da pós-modernidade.

Ainda antes dos anos 2000, após a criação da Internet em 1990, Tapscott (1999) salientou sua importância e como estaria começando a afetar a todos, desde o modo de como criar riquezas, passando pelo governo e cultura até a forma de entretenimento e dinâmica do

aprendizado. E tudo isso de uma forma muito rápida e semelhante à introdução da televisão na década de 50.

As conseqüências dessas mudanças podem ser sentidas nas esferas econômica, social, política e cultural em todo o mundo. O homem contemporâneo possui uma nova forma de pensar o tempo, de se organizar e agir, é um ser globalizado. Um dos pontos positivos é que esta transformação incrementa qualitativamente a capacidade das pessoas de buscarem informação, estando em sua casa ou em viagem, conseguindo estabelecer contatos ou simplesmente pagando alguma conta. Como um dos pontos negativos, pode-se apontar a transformação do privado em público, principalmente para os adolescentes usuários de sites de relacionamento, configurando uma exposição exagerada da imagem, da felicidade nem sempre real, da necessidade de mostrar-se e conseqüentemente tornar-se vulnerável (Lima, 2004).

A grande disseminação das tecnologias em todos os espaços da sociedade acontece ao mesmo tempo em que o país vivencia um processo de envelhecimento populacional. O Brasil passa por um processo de transição demográfica que se caracteriza pela passagem de uma situação de alta mortalidade mais alta fecundidade, com uma população jovem e em franca expansão, para uma de baixa mortalidade e, gradualmente, baixa fecundidade, o que dá um certo equilíbrio na quantidade total da população, mas com um aumento contínuo da população de idosos (Ministério da saúde, 2002). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2003), a taxa de mortalidade infantil caiu 8,6% em relação a 2000 e vem declinando em função de diversas políticas de saúde pública implantadas no país e dos avanços da medicina. Da mesma forma, a taxa de natalidade vem decaindo nos últimos anos. Em 1960, era de 6,3 filhos por casal, em 1980, o número já era de 4,4 filhos por casal, chegando atualmente à taxa de 2,15 filhos por casal. Com isso, segundo projeções estatísticas da Organização Mundial da Saúde (OMS), entre 1950 e 2025, a população de idosos no País

crescerá 16 vezes contra 5 vezes da população total, colocando o Brasil como sexta população de idosos do mundo, com um crescimento populacional acelerado só comparável ao do México e Nigéria.

Para a OMS, o envelhecimento e a velhice estão relacionados com a passagem do tempo, especificamente com a idade, definindo a idade de 60 anos em países em desenvolvimento para o início da chamada terceira idade e 65 anos para os países desenvolvidos. No entanto, segundo Neri (2000), o processo de envelhecimento acontece de forma diferente em cada pessoa, pois tem sua origem na história de vida. Aos que tiveram um passado ativo e sadio, o envelhecimento será um seguimento do mesmo padrão adotado. Aos que, ao longo da vida, criaram ou realmente passaram por dificuldades, o envelhecimento pode ser uma etapa de dependência dos outros.

Além dos fatores pessoais de amadurecimento, existe desde muito tempo, mas já com traços de melhora, uma concepção errônea criada na história social e cultural da nossa sociedade que associa a imagem do idoso a problemas, doenças, dependência e impotência. Com isso, há uma carga de preconceito que dissemina representações negativas a respeito de suas potencialidades. Neri (2006) ressalta o fato de que idosos não tem uma percepção positiva sobre si mesmo, em razão dessa expectativa de que fatalmente haverá um declínio cognitivo e, por conta disso, são criadas barreiras à sua participação social antes mesmo que eventuais incapacidades se instalem. A autora trabalha com o conceito de auto-eficácia cuja definição pode ser entendida pelas crenças que as pessoas possuem em sua capacidade de exercer controle sobre o próprio nível de funcionamento e sobre os eventos que afetam a própria vida. E salienta para o fato de que os idosos tendem a comportar-se a partir de uma crença cultural relacionada a perdas, enquanto o ideal é que avaliem e reavaliem suas capacidades no decorrer da velhice.

Nesse sentido, a partir dos anos 60, a Gerontologia passou a investigar os aspectos positivos da velhice e o seu potencial para desenvolvimento. Apresenta o termo envelhecimento bem-sucedido, associado a uma importante mudança ideológica, considerando que a velhice e o envelhecimento não são sinônimos de doença, inatividade ou uma retração geral do desenvolvimento humano (Neri, 2003). Conforme citado por Freire (2000), o envelhecimento bem-sucedido é visto como uma competência adaptativa do indivíduo, ou seja, a capacidade de reagir aos desafios da vida nas dimensões emocional, cognitiva e comportamental. E também se encontra relacionado aos acontecimentos vivenciados pelo indivíduo desde a gestação, de sua herança genética e fatores socioculturais.

Com o intuito de discernir o envelhecimento típico do bem-sucedido, em 1998, Rowe e Kanh, apresentaram um modelo com três elementos que podem influenciar positivamente o processo de envelhecimento e melhorar a qualidade de vida nos últimos anos. Os autores relacionaram envelhecimento saudável com fatores como o baixo risco de doenças, a manutenção das funções cognitivas e físicas e o envolvimento ativo com a vida.

Em consonância, Pasqualotti e Both (2008) defendem que para acompanhar a complexidade dos novos tempos, é necessário que haja uma educação que se prolongue ao longo de toda a existência humana e que remeta a uma nova concepção de sujeito, sem limites cronológicos. Silva e Almeida (2008) argumentam que idade avançada não quer dizer impossibilidade de aprender e que este aprendizado pode vir através do mundo das novas tecnologias como uma resposta a uma vida com qualidade.

Dessa forma, o computador, através da sua função lúdica, pode resgatar a confiança dos idosos em sua capacidade, uma vez que fornece subsídios para uma nova concepção referente a êxitos e fracassos, formando um processo positivo que evolui e é realimentado ao longo do tempo, ressignificando o seu envelhecer. O computador possibilita a abertura de um espaço novo de crescimento através da linguagem, da troca de informação, da criação de um

elo entre gerações, da formação de uma rede de relacionamentos e da manutenção das funções cognitivas através do aprendizado.

De acordo com Temoteo (2006), os indivíduos nessa fase da maturidade buscam novos desafios, ora instaurados pelo acesso a novas redes de sociabilidades, ora por serem integrantes do mercado emergente de novos consumidores dessa tecnologia. O autor ainda chama atenção para o fato de haver várias atividades recreativas para os longevos, mas ser a informática uma forma de estabelecer redes de comunicação, construindo a figura do neo-idoso, ou seja, uma nova atitude social desse grupo e o surgimento de uma outra imagem representativa e contextualizada com as mudanças tecnológicas.

Porém, o idoso necessita de uma atenção diferenciada para que ocorra o aprendizado, que compreende uma visão global do professor sobre o nível de conhecimento em que se encontra o aluno, a criação de um roteiro de aprendizado próprio à sua demanda e a adequação ao seu ritmo. Nesse caso, o ensino individualizado pode ser diferencial na medida em que preenche os requisitos mencionados, além de fazer uso do próprio computador do aluno. Para o idoso, aprender em um computador e não conseguir refazer o que foi aprendido em outro, leva a uma frustração por não alcançar os objetivos. Saraiva et al (2006), reafirmam em seu estudo, também, a necessidade de um envolvimento humano, caracterizando um forte vínculo entre professor e aluno, onde a paciência e o respeito são fatores preponderantes de sucesso.

Diante desse cenário, o foco desta pesquisa foi escolhido com o intuito de colaborar para uma aproximação entre idosos e tecnologia, de forma a poder contribuir com mais um instrumento para a busca de um bem-viver na velhice. A partir destas constatações e também da necessidade de conviver com uma informática mais humanizada, o objetivo geral desta pesquisa é analisar os motivos pelos quais alguns idosos buscam o ensino de informática, interpretando os diversos significados existentes nessa relação de aprendizado. Os objetivos



específicos foram caracterizar os participantes do ponto de vista sociodemográfico; descrever como se processa a relação dos idosos com o computador; identificar motivos para a busca por aulas particulares de informática; analisar o vínculo existente na relação professor-aluno e identificar características necessárias a um profissional que ensina informática para idosos.

## **Metodologia**

### *Delineamento*

O delineamento da pesquisa é transversal com enfoque quantitativo-qualitativo.

### *Instrumentos*

Os instrumentos para execução desta pesquisa foram:

- Inventário de Depressão de Beck II - BDI-II: trata-se de uma escala sintomática em que cada um dos seus 21 itens permite diferentes alternativas de respostas que correspondem a níveis crescentes de gravidade da depressão, com escore de zero a três. A soma dos escores dos itens individuais fornece um escore total, que constitui uma medida da intensidade dos sintomas depressivos. Esta, conforme normas americanas, pode classificar-se como mínima, leve, moderada ou grave. Esta versão do inventário busca aproximar-se dos critérios sintomáticos de depressão constantes no DSM-IV (Beck, Steer & Brown, 1996).
  
- Ficha de dados sociodemográficos, onde constam itens de informação do idoso tais como idade, sexo, escolaridade, profissão, estado civil, entre outros.
  
- Questionário semi-estruturado com as seguintes perguntas abertas:
  1. O que lhe motivou a aprender informática?

2. Qual o impacto que aprender ou ter aprendido informática tem na sua vida?
  3. Antes de ter aulas, o que você pensava sobre o computador? O que mudou?
  4. O que lhe levou a procurar ensino individualizado?
  5. Como você define sua relação com o seu professor?
  6. Quais as características necessárias a um profissional que ensina informática para idosos?
- Registro auxiliar feito com verbalizações dos participantes que extrapolavam o teor das perguntas do questionário semi-estruturado.

### *Participantes*

A amostra deste estudo foi composta por 20 participantes, com idade maior ou igual a 60 anos e que estivessem aprendendo ou já tivessem aprendido informática em aulas particulares. A idéia de escolher apenas alunos que procuraram o ensino individualizado é explicada pelo fato de não existirem estudos nesse sentido, ao mesmo tempo em que há uma demanda crescente para tal, além de abranger a área de atuação da pesquisadora. Diante disso, esse critério de exclusão contempla um dos objetivos específicos, que visa identificar motivos para essa procura.

A escolha dos participantes aconteceu através do método “bola de neve” que consiste em localizar pessoas através de indicação de pessoas próximas, que, progressivamente, vão indicando outras pessoas que atendam aos critérios. O número de 20 pessoas tornou-se suficiente na medida em que as verbalizações começaram a se repetir.

### **Procedimento de Coleta e Análise dos Dados**

Inicialmente o projeto foi enviado para a Comissão Científica da Faculdade de Psicologia e, posteriormente, para o Comitê de Ética da PUCRS. Após aprovação, foi realizado um estudo piloto com quatro participantes, para identificar necessidades de possíveis ajustes tais como: formas de aplicação, ordem dos instrumentos e o tempo necessário para aplicação dos mesmos. Nesse estudo piloto, foi constatado que as entrevistas eram bem mais ricas quando gravadas, pois ao responderem as perguntas de próprio punho, os participantes eram bem mais sucintos.

Como próximo passo, as entrevistas foram marcadas, via contato telefônico, na casa dos participantes. No dia agendado, após conhecer os objetivos da pesquisa através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o participante assinava-o e, em seguida, preenchia a ficha de dados sociodemográficos. Na seqüência era feita a aplicação do instrumento BDI-II, finalizando com o questionário cujas respostas foram gravadas. O tempo total de aplicação levou, em média, cerca de 30 minutos. Os participantes da amostra piloto não fizeram parte dos resultados posteriores.

As informações quantitativas, obtidas através da ficha de dados sociodemográficos, foram tabuladas no programa Excel, com o objetivo de traçar o perfil dos participantes, de acordo com idade, escolaridade, sexo, estado civil, profissão, tempo de uso do computador, utilização do computador e resultados do instrumento BDI-II. A organização qualitativa dos questionários foi feita através da análise de conteúdo de Bardin (2002). Por meio da análise de conteúdo é possível decodificar as opiniões contidas nos questionários e, principalmente, o que se encontra subentendido em cada resposta. Krippendorff (1988) ressalta que os significados das mensagens não são necessariamente os mesmos para todos, explicitando a idéia da subjetividade da interpretação.

Para Bardin (2002), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações que, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, visa obter indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

No modelo proposto por Bardin (2002), a pré-análise, a exploração do material e a interpretação dos resultados constituem os três segmentos cronológicos da metodologia. A pré-análise refere-se à organização do trabalho, onde se faz a transcrição das entrevistas e posterior leitura do material; a exploração consiste na codificação segundo regras precisas em relação aos dados brutos, atingindo uma representação do conteúdo através de categorias; a interpretação dos resultados dá sentido entre os dados obtidos e a fundamentação teórica, buscando o que se esconde sob a aparente realidade, o que significa verdadeiramente o discurso enunciado, o que querem dizer, em profundidade, certas afirmações, aparentemente superficiais.

Nesta pesquisa as unidades de análise foram definidas *a priori* em função das perguntas existentes no questionário. Na fase da pré-análise, as entrevistas foram transcritas e os nomes dos participantes substituídos por um codinome. Escolheu-se substituir os nomes reais pelos nomes das vinte estrelas mais brilhantes existentes no céu noturno, visíveis a olho nu (<http://www.cosmobrain.com.br/res/estbril.html>). Essa escolha recaiu sobre o fato de que todos esses adultos maduros que se dispõem a aprender um conhecimento novo e desafiador, que exige uma desacomodação no sentido de expor-se e sair de sua zona de conforto, são como as estrelas mais brilhantes, possuem uma luz própria diferenciada.

Na fase de exploração, as respostas de todos os participantes à mesma questão foram agrupadas para que fosse possível identificar as categorias de cada unidade de análise, com suas respectivas unidades de significado. A importância das unidades de significado no

projeto de pesquisa deve-se ao objetivo principal da análise de conteúdo que é a elaboração de textos descritivos e interpretativos do fenômeno investigado. O processo de unitarização, ou seja, a construção de unidades válidas, constitui-se em uma leitura e interpretação aprofundadas mediante focalização e recorte dos elementos textuais, requer um olhar prospectivo em relação ao processo de análise como um todo. Como critério de identificação, as unidades de significado estão seguidas do codinome do participante e sua respectiva idade.

**Tabela 2 - Unidade de Análise – Motivação**

<b>MOTIVAÇÃO</b>	
<b>Categorias</b>	<b>Respostas</b>
<b>Atualização</b>	[Me manter atualizado... nas comunicações] SÍRIUS - 79 [Me atualizar nas mudanças da tecnologia...] KENTAURUS - 77 [...foi no sentido de atualização, comportamento inclusive...] HADAR - 71 [Atualização, desafio.] ALDEBARAN – 63
<b>Inclusão/ Inserção no mundo atual</b>	[Não ficar para trás...] ARCTURUS - 68 [Estava me sentindo meio fora dos padrões, meio fora da rede...] VEGA - 83 [...estava fora do mundo... queria entrar no mundo... não ficar analfabeto nesse sentido] CAPELLA - 60 [... me sentir inserida no contexto do mundo atual, no progresso...] RIGEL - 74 [Nos dias de hoje não ter nenhum conhecimento de informática é estar fora da realidade do mundo...] DENEK - 62 [... tomar conhecimento da modernidade... me achava tão fora de forma, vamos dizer...] ACRUX – 85
<b>Conhecimento</b>	[... necessidade de poder aprender mais] CANOPUS - 74 [...sempre fui uma pessoa que persegui o novo, a busca de novos conhecimentos, sou ávida...] MIMOSA - 85 [...gostar de aprender coisas novas...] SPICA - 71 [...tenho prazer em aprender...] POLLUX - 75 [...usufruir das facilidades que a informática oferece...] ANTARES – 82
<b>Família</b>	[Foi a minha filha e meu professor de espanhol...] PRÓCION - 68 [Meu filho que me deu tudo.] MIMOSA - 85 [Entender o que a família conversava nos almoços de domingo...] RIGEL – 74
<b>Necessidade</b>	[Comecei interessada em pesquisas quando comecei a fazer traduções no Word.] ACHERNAR - 71 [...facilitação de dados e respostas como eu precisava no tempo da empresa...] BETELGEUSE - 63 [...eu tinha assumido uma confraria e não contava com secretária...] HADAR - 71 [ Ajudar o marido a fazer suas provas de matemática.] FOMALHAUT - 67 [Uso da Internet] ALTAIR – 71

**Tabela 3 - Unidade de Análise – Impacto**

<b>IMPACTO</b>	
<b>Categorias</b>	<b>Respostas</b>
<b>Aproximação de familiares</b>	[Bastante positivo, principalmente no contato com familiares, amigos...] SÍRIUS - 79 [Mudou tanta coisa, posso me comunicar com meus amigos, minhas filhas, sem sair de casa...] CAPELLA - 60 [... a possibilidade de se comunicar por e-mail e ajudar minhas netas quando vem aqui em casa...] DENEK - 62 [Facilitou o relacionamento com parentes e amigos...] ANTARES – 82
<b>Nova Dimensão</b>	[Acho que ampliou muito o mundo] CANOPUS - 74 [Eu era daquelas rançosas que dizia que barbaridade, isso vai acabar com a leitura em livros, acabou que hoje eu sou encantada como ferramenta.] ACHERNAR - 71 [Tudo o que eu penso já está em forma de usar no computador, eu adoro usar o computador pra tudo...] BETELGEUSE - 63 [Liberdade.] ALDEBARAN - 63 [Ter contato com novidades. Foi muito desafiador.] SPICA - 71 [...se obtém muitas informações de que não tinha conhecimento...] ACRUX – 85
<b>Valorização</b>	[Muito grande, auto-estima, valorização, satisfação, prazer.] RIGEL - 74 [Estaria frustrado se não tivesse aprendido.] HADAR - 71 [...hoje eu faço parte do cyberspace.] MIMOSA - 85 [Sinto-me feliz por participar do progresso da tecnologia, atualizada.] POLLUX - 75 [Melhorou minha qualidade de vida.] FOMALHAUT – 67
<b>Superação</b>	[...prazer por ter aprendido e superar uma coisa que na minha idade eu achei que não fosse conseguir...] ARCTURUS - 68 [Pra mim foi um desafio muito grande porque eu sou da geração do rádio e numa época em que tudo que era eletrônico se a gente fosse tocar, estragava...] KENTAURUS - 77 [...eu achei que eu não fosse conseguir o que eu estou conseguindo fazer...] PRÓCION – 68

**Tabela 4 - Unidade de Análise – Pressuposições**

<b>PRESSUPOSIÇÕES</b>	
<b>Categorias</b>	<b>Respostas</b>
<b>Medo</b>	[...Pensava o computador de um tamanho enorme. Dava medo. Quase inacessível...] SÍRIUS - 79 [...medo de computador como todo o velho tem (risos)...] ARCTURUS - 68 [...Eu tinha muito medo do computador... medo de fazer uma coisa que dê uma crep total no computador...] CAPELLA - 60 [Eu pensava “vai desaparecer tudo, não vou achar mais nada, o que eu faço”...] RIGEL - 74 [Tinha medo porque eu pensava assim: se fizesse alguma coisa errada que quisesse recuperar e se eu não soubesse, achava que ia sumir tudo e eu não ia achar mais nada...] VEGA - 83 [Pavor, medo.] ALDEBARAN - 63 [Tinha medo sim... imagina!] SPICA - 71 [Antes tinha até um certo receio de ligar o computador, parece que tudo não ia funcionar, já ia estragar.] DENEK – 62
<b>Incapacidade</b>	[...Que era difícil e não era para mim...] CANOPUS - 74 [Eu pensei que jamais fosse conseguir...] ARCTURUS - 68 [...achava que era uma coisa tão difícil...] KENTAURUS - 77 [Me assustava. Eu achava que eu era incapaz...] ACHERNAR - 71 [Achava que era um bicho de sete cabeças, que eu seria incapaz...] BETELGEUSE - 63 [Eu pensava que teria dificuldade bastante para aprender e dominar o equipamento.] HADAR - 71 [Achava que seria muito complicado.] FOMALHAUT – 67

<b>Admiração</b>	[...um extraordinário meio de tecnologia, não tinha medo...] RIGEL - 74 [Nunca tive medo, tinha curiosidade, com desejo de domínio...] MIMOSA - 85 [Sempre imaginei o computador uma ferramenta de extraordinária eficiência.] ANTARES - 82 [Tinha interesse e curiosidade...] POLLUX - 75 [Que seria um ótimo instrumento de qualificação...] ALTAIR – 71
------------------	--

**Tabela 5 - Unidade de Análise – Reavaliações**

<b>REAVALIAÇÕES</b>	
<b>Categorias</b>	<b>Respostas</b>
<b>Mudança</b>	[Me enganei profundamente. Mudou radicalmente...] SÍRIUS - 79 [Mudou, mas ainda tenho medo, toda pessoa de mais idade tem.] ARCTURUS - 68 [Mudou muito, me senti inserida, mais conectada com a realidade, não me senti mais discriminada, porque eu ficava com vergonha, me sentia praticamente uma analfabeta...] KENTAURUS - 77 [Tenho menos medo, mas ainda tenho....] VEGA - 83 [Mudou totalmente... depois das aulas eu vi que não é esse bicho de 7 cabeças...] CAPELLA - 60 [...nas primeiras aulas ainda tinha medo... agora com o que eu sei eu já estou me sentindo muito feliz...] PRÓCION - 68 [E agora vejo que é utilíssimo, como uma ferramenta...] ACHERNAR - 71 [Mudou totalmente, pois após saber lidar com ele, ficou mais fácil...] BETELGEUSE - 63 [...Passou o medo depois das aulas...] ALDEBARAN - 63 [Mudou para melhor.] SPICA - 71 [...Depois mudou totalmente, ficou muito diferente, senti mais segurança...] DENEBA – 62
<b>Confirmação</b>	[E admiro cada vez mais, me encanto cada vez mais.] RIGEL - 74 [...a expectativa era grande mas a realidade é ainda mais animadora, mais estimuladora...] MIMOSA - 85 [não houve mudança, confirmou o quanto é fantástico o computador] POLLUX - 75 [...Não mudou, confirmou.] ALTAIR – 71

**Tabela 6 - Unidade de Análise – Motivos**

<b>MOTIVOS</b>	
<b>Categorias</b>	<b>Respostas</b>
<b>Comodidade</b>	[Comodidade, o professor vem em casa, os horários são ajustados de acordo com nossa disponibilidade, a gente mexe no próprio computador.] ARCTURUS - 68 [Comodidade e maior eficiência didática.] ANTARES – 82
<b>Rendimento/ Ritmo</b>	[Se tem um atendimento muito melhor voltado para a a pessoa, melhor rendimento, melhor aquisição e aprendizagem...] CANOPUS - 74 [Melhor aproveitamento individualizado e de acordo com minha capacidade e necessidade, com meu ritmo, com repetição, um aprendizado por repetição.] RIGEL - 74 [Tem a vantagem de um progresso mais acentuado, um diálogo com a professora, aprofundamento...] MIMOSA - 85 [Porque é mais fácil de aprender por ser dirigido.] ALDEBARAN – 63
<b>Inibição</b>	[...eu me sentia muito inibida, ter que ir para uma sala de aula aprender uma coisa que já deveria saber...] KENTAURUS - 77 [Pelo constrangimento de ir para um curso, uma aula coletiva, onde participam pessoas jovens...] HADAR – 71 [Me sinto mais confortável para perguntar. ] SPICA – 71

<b>Praticidade</b>	[...não queria um curso que levasse dois, três anos, vendo coisas que não me interessam. Queria uma coisa bem prática...] CAPELLA - 60 [Não tinha o tempo que precisava para freqüentar um curso regular e dessa forma eu tenho aula específica do que estou precisando no momento...] BETELGEUSE - 63 [Pela praticidade e para ter um aprendizado mais favorável...] DENEBA - 62
<b>Eficiência</b>	[...Justamente pela minha idade, informações positivas que eu recebi...] SÍRIUS - 79 [Nunca pensei em outro ensino. A adequação, não ficar restrita a grupos e turmas...] ACHERNAR - 71 [A aprendizagem através de professor particular, sempre supera em muito a coletiva.] FOMALHAUT - 67 [...ganho de qualidade de ensino.] ALTAIR - 71
<b>Oportunidade</b>	[Na verdade apareceu a oportunidade, não pensei, surgiu.] VEGA - 83 [...quem se informou foi minha filha e ela que chegou e disse que já tinha uma professora...] PRÓCION - 68 [O fato de conhecer uma pessoa que era técnica.] POLLUX - 75 [...apareceu essa oportunidade por informação de familiares ai me despertou maior interesse porque eu achei que teria um aproveitamento muito maior.] ACRUX - 85

**Tabela 7 - Unidade de Análise – Vínculo**

<b>VÍNCULO</b>	
<b>Categorias</b>	<b>Respostas</b>
<b>Afetivo</b>	[...além da aprendizagem a ligação afetiva que vai se estabelecendo, sem essa não se faz nada...] CANOPUS - 74 [...na questão afetiva e de sintonia e de postura profissional...] KENTAURUS - 77 [Eu vou te dizer uma coisa: desde o primeiro dia que abri a porta para minha professora, senti uma coisa tão boa, que até me emociono.] PRÓCION - 68 [...ela é didática, ela é competente, ela é gente, me estimulou muito quando fiz uma tradução que foi muito bem aceita. Extrapola a aula, ela gosta de mim, e eu dela.] ACHERNAR - 71 [Eu adoro ela.] BETELGEUSE - 63 [...simpatia, boa vontade, paciência, além do conhecimento para atender uma pessoa na minha faixa de idade...] HADAR - 71 [Como digo a ela, ela é uma terapia. A presença, a aula, o trabalho com ela, não chamo de aula, é realmente uma terapia. Ela entra aqui é um raio de sol.] MIMOSA - 85 [Nossa relação é tão intensa, que existem fatos pessoais que só conto a ela. Ela me entende, tem os mesmos valores e princípios que eu, apesar de ser muito mais nova. Prazerosa, gratificante, é uma amiga.] RIGEL - 74 [Excelente, amistosa, amorosa, familiar.] SÍRIUS - 79 [Excelente, como se fosse da família.] POLLUX - 75 [Uma coisa boa, uma amizade que você faz.] ARCTURUS - 68 [...Amiga. Me entende, minhas dificuldades...] ALDEBARAN - 63 [...Camaradagem e bom relacionamento.] SPICA - 71
<b>Produtivo</b>	[Super tranquila, agradável, produtiva.] VEGA - 83 [A melhor possível, visto tratar-se de pessoa finamente educada e de notória competência...] ANTARES - 82 [Muito proveitosa e com boa integração.] ALTAIR - 71 [Maravilhoso, eficiente, não tem palavras.] DENEBA - 62 [Excelente, de uma excelente didática. Fiquei encantado, mas acho que não correspondi.] ACRUX - 85



**Tabela 8 - Unidade de Análise – Características do Professor**

<b>CARACTERÍSTICAS DO PROFESSOR</b>	
<b>Categorias</b>	<b>Respostas</b>
<b>Ter conhecimento de Informática e de Envelhecimento</b>	[...conhecimento das características dos idosos...] CANOPUS – 74 [O professor pode pensar que o aluno não presta atenção, mas não é, a pessoa de idade presta atenção, mas esquece, tem que repetir...] CAPELLA – 60 [Eu acho que tem que conhecer a matéria...] PRÓCION – 68 [Profundo conhecimento de informática de uma certa amplitude no sentido de atingir o nível de capacidade do aluno.] SPICA – 71 [...conhecimento da técnica e conhecimento da didática...] ALTAIR – 71
<b>Ser paciente</b>	[...paciência acima de tudo...] ARCTURUS – 68 [Paciência, calma, transmitir calma.] VEGA – 83 [Paciência em primeiro lugar, a pessoa repete, repete...] CAPELLA – 60 [Paciência, repetição, volta, tem dias que precisa repetir muito mais do que outros.] PRÓCION – 68 [Paciência, não se importar de repetir as coisas...] BETELGEUSE – 63 [Saber ouvir, ter paciência.] ALDEBARAN – 63 [Paciência e grande competência como neste caso.] ANTARES – 82 [Ter muita paciência é fundamental. Eles não tem mais a memória dos adolescentes.] FOMALHAUT – 67 [Paciência, interação com o aluno...] ALTAIR – 71 [Boa vontade e paciência...] ACRUX – 85
<b>Ter sensibilidade/perspícacia</b>	[... afetiva, uma pessoa compreensiva, mais suave...] CANOPUS – 74 [... percepção para avaliar a dificuldade do adulto maduro; habilidade para que esse adulto maduro não se sinta constrangido... pincelar o que o aluno precisa...] KENTAURUS – 77 [... um exercício do professor tentar pensar do jeito que a gente pensa, porque acho que é muito diferente a lógica do pensamento...] VEGA – 83 [...Estímulo para o adulto maduro, valorização do adulto maduro...] RIGEL – 74 [...precisa ter um carisma, essa coisa gostosa do convívio que tenho com minha professora...] PRÓCION – 68 [...perspícacia no sentido de perceber a dificuldade do aluno face a faixa etária...] HADAR – 71 [...o saber sentir as necessidades do aluno, as limitações, as aspirações, o nível de aspiração, respeitar o ritmo, a individualidade do aluno...] MIMOSA – 85 [... empatia...] SPICA – 71
<b>Ter didática</b>	[... programa ou método específico... maneira profissional de ministrar a aula...focada...] SIRIUS – 79 [...dar segurança...] VEGA – 83 [...tem que escrever porque a gente que não está num trabalho diário, esquece...] CAPELLA – 60 [Eficiência, uma pessoa responsável, que cumpre e é profissional sem perder de vista o lado humano.] ACHERNAR – 71 [...facilidade que ela tem de destrinchar, de sair dos nós que a gente cria...] BETELGEUSE – 63 [estimulá-lo a vencer os obstáculos, as prováveis dificuldades, ajudá-lo a sentir capaz de aprender.] POLLUX – 75

A diferenciação em sete unidades de análise refere-se ao grau de importância de cada uma associadas ao ensino de informática e aos objetivos da pesquisa. A partir dessa categorização, foi possível compor o cenário de interesses, expectativas e relações pertinentes

ao uso do computador em uma idade mais avançada, desvelando os diversos significados existentes nas colocações dos participantes.

Finalmente, procedendo-se à última fase da análise de conteúdo, os resultados foram discutidos e interpretados a partir de uma análise temática, explorando seus sentidos e significados. Na análise temática o essencial é o sentido, os significados atribuídos aos significantes dentro do discurso. É preciso haver a leitura do explícito e do implícito, ultrapassando, assim, a leitura de primeiro plano para uma leitura de maior profundidade. Dessa forma, um conjunto desorganizado de elementos unitários é gradativamente ordenado no sentido de expressar novas compreensões atingidas ao longo da pesquisa.

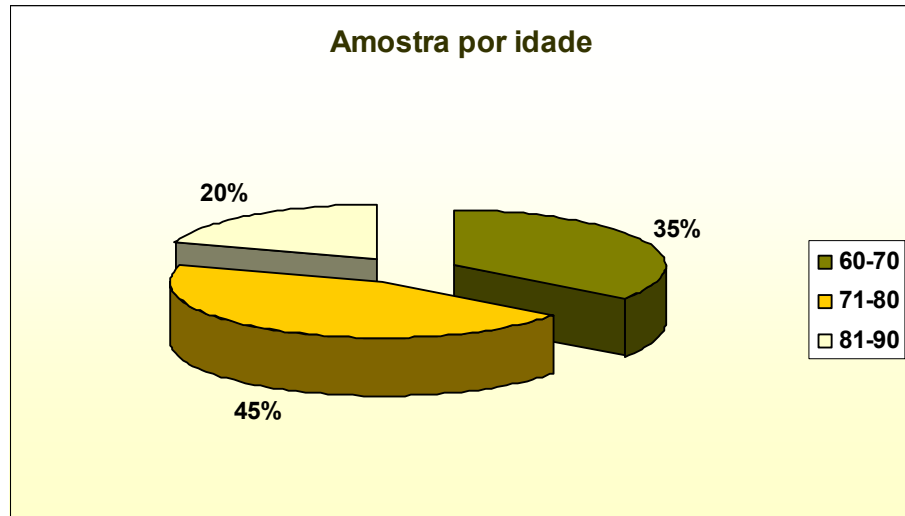
## **Resultados e Discussão**

### **Estudo Quantitativo**

O estudo quantitativo trouxe informações coletadas através da ficha de dados sociodemográficos que foram tabuladas no programa Excel, com o objetivo de traçar o perfil dos participantes, de acordo com idade, escolaridade, sexo, estado civil, profissão, tempo de uso do computador, utilização do computador e resultados do instrumento BDI-II.

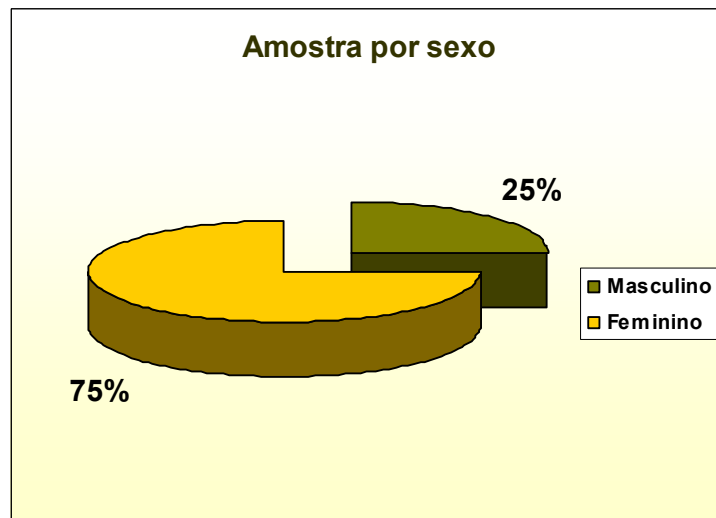
A faixa de idade dos alunos entrevistados variou de 60 até 85 anos, com uma média de 72,45 anos. Chama a atenção a maior concentração situar-se na faixa dos 71 aos 80 anos, como mostra a figura 1, com 45% identificando a motivação e busca pelo aprendizado em uma idade que há muito pouco tempo atrás não se permitia tantos projetos.

*Figura 1 – Gráfico de amostra por idade*



Com relação ao sexo, a maioria das participantes é do sexo feminino, 75%. Uma hipótese é de que, muitas vezes, os homens já possuem o conhecimento, ou ainda, preferem aprender sozinhos por tentativa e erro, enquanto as mulheres reconhecem a falta de conhecimento no assunto e procuram por ajuda profissional.

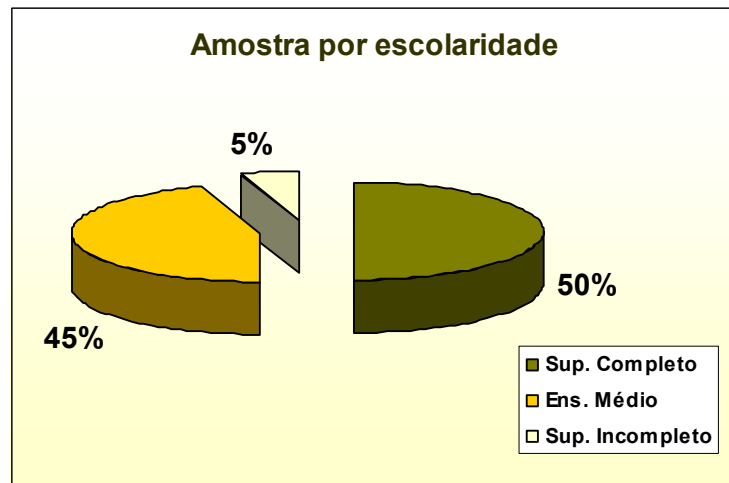
*Figura 2 – Gráfico de amostra por sexo*



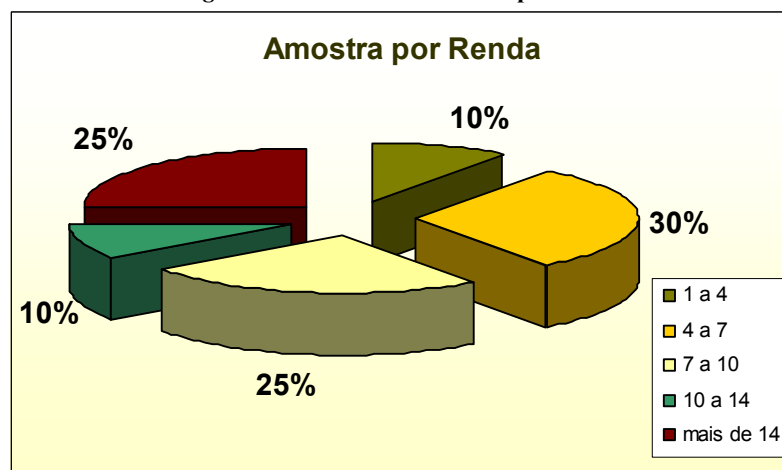
Ao se comparar escolaridade e média de renda dos participantes, como mostram as figuras 3 e 4, observou-se que essa amostra apresenta um nível social de classe média a

média alta, pois 50% possuem o nível superior completo, com renda média de 9 salários mínimos<sup>1</sup>. A hipótese para tal ocorrência, de acordo com as entrevistas aplicadas, é de que pessoas com um nível socioeconômico elevado tendem a solicitar atendimentos particulares em função de comodidade, disponibilidade de tempo, não-exposição diante de outras pessoas e resultados mais rápidos.

*Figura 3 – Gráfico de amostra por escolaridade*



*Figura 4 – Gráfico de amostra por renda*

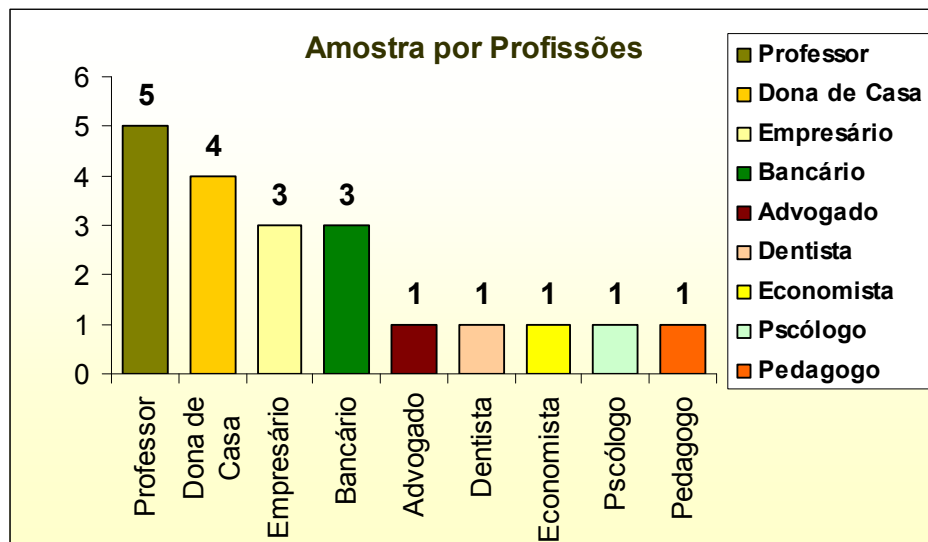


Em relação à profissão, a maior frequência foi encontrada na atividade da docência, 25%, conforme demonstra a figura 5, possivelmente pela amostra ser composta em sua

<sup>1</sup> Valor do salário regional mínimo vigente em dezembro de 2008 no RS: R\$ 477,40

maioria por mulheres, que em sua adolescência cursavam o normal cujo objetivo era a formação para o magistério. Ainda sob a predominância feminina, a amostra apresentou 20% de participantes que nunca trabalharam fora de casa, ficando dedicadas ao lar e à família. Uma hipótese para tal evidência pode ser atribuída à cultura da época cuja premissa básica era de que a mulher cuidava dos filhos e da casa, enquanto o homem trabalhava fora. Em contraste a esse cenário, há de se considerar, ainda, o avanço de algumas participantes, que exerceram profissões tais como advogada, dentista e economista, que, culturalmente, eram profissões consideradas masculinas.

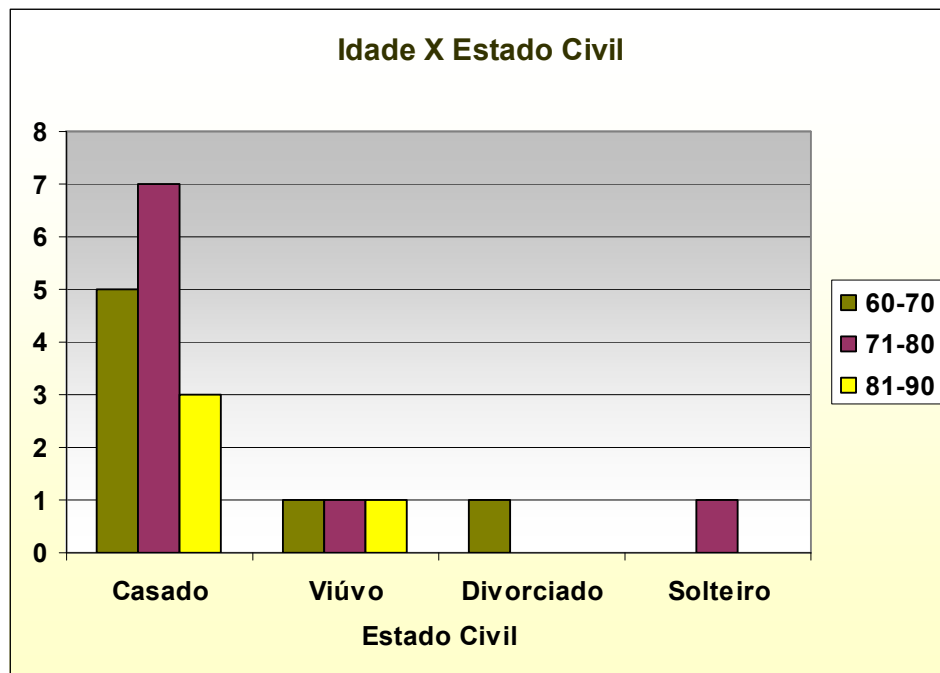
*Figura 5 – Gráfico de amostra por profissão*



Nos escores do BDI-II foi possível observar que apenas um participante apresentou depressão moderada, enquanto que os 95% restantes pontuaram abaixo de treze pontos estabelecendo-se na faixa de sintomatologia para depressão mínima. Essa informação é explicável tanto pela condição econômica dos participantes, quanto por uma consequência normal disso que é o acesso a diferenciadas formas de manter atividade mental, social e de lazer.

Na relação entre idade e estado civil, como mostra a figura 6, a maioria dos participantes é casada, sendo a maior concentração na faixa dos 71 a 80 anos. Esse é um dado significativo na medida em que, segundo a OMS, a expectativa de vida atual no Brasil é de 71 anos, sendo que as mulheres tornam-se viúvas muito cedo. Kachar (2001a) em seu estudo que analisou um grupo de 21 idosas que freqüentaram o curso de Introdução à Informática na Universidade Aberta para a Maturidade da PUC/SP, identificou uma concentração maior de viúvas, na faixa de idade entre 60 e 69 anos, sendo que apenas quatro idosas na mesma faixa etária eram casadas.

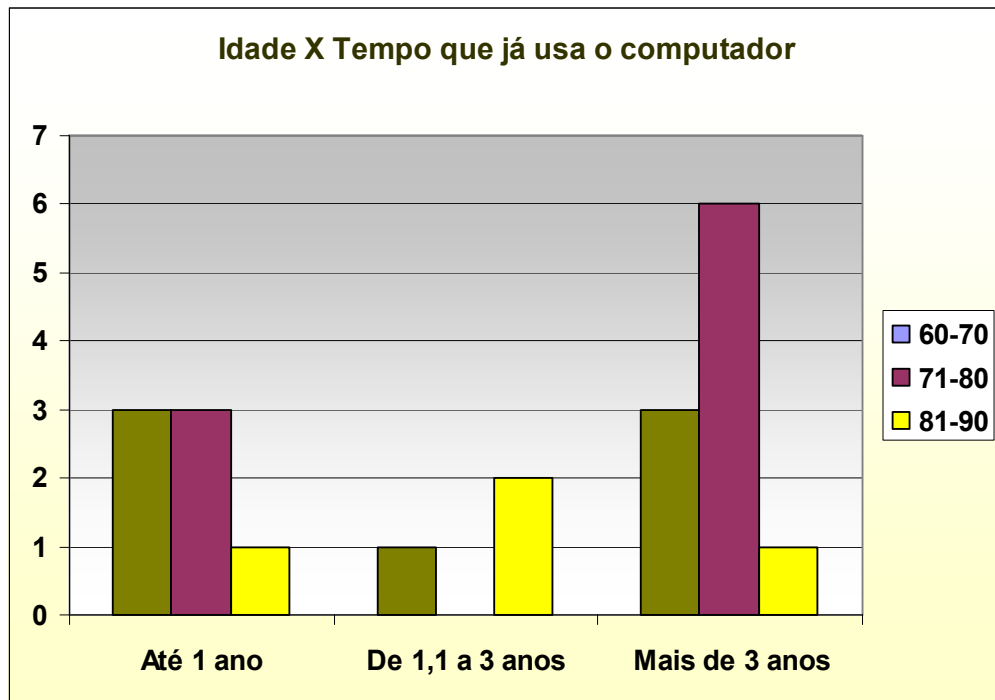
*Figura 6 – Gráfico de Idade X Estado Civil*



A variável idade foi relacionada com a quantidade de tempo que o participante já usa o computador apresentando dados significativos no que tange à faixa de idade dos 71 a 80 anos, pois se pode perceber o envolvimento desses idosos com a vida, ao buscarem conhecimento, atualização e inserção no mundo tecnológico, principalmente pelo fato de já o

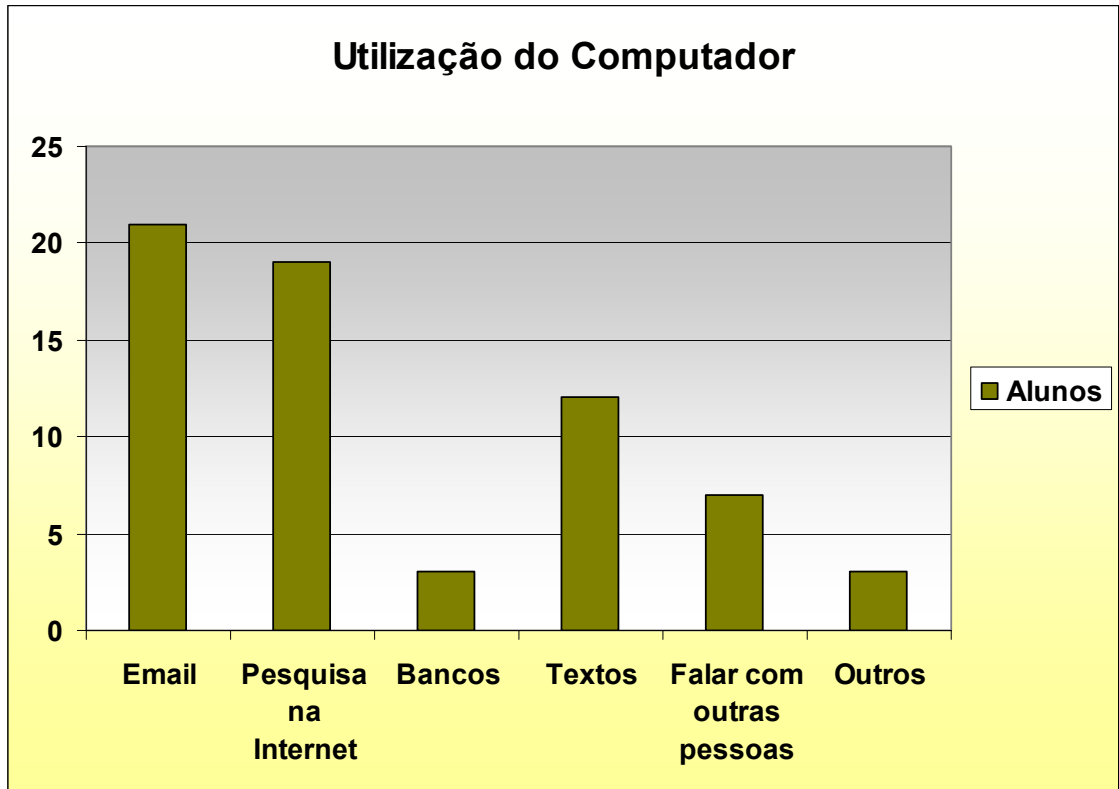
fazerem há mais de três anos. Nota-se, conforme a figura 7, uma procura para começar a utilizar o computador e destaca-se a quantidade de participantes que já possuem o conhecimento há um número de anos considerado diferenciado para a faixa etária.

**Figura 7 – Gráfico de Idade X Tempo que já usa o computador**



Dentre as atividades principais utilizadas no computador, o e-mail e a pesquisa na Internet representaram a maioria, conforme visualizado na figura 8. O dado mais interessante advindo dessa questão apresentada na ficha de dados sociodemográficos refere-se a pouca utilização de bancos via Internet, em razão de um receio muito grande quanto à confidencialidade de informações pessoais. Este fato acontece como uma consequência normal e prudente, devido ao desconhecimento do computador e à quantidade de informação veiculada pela mídia mostrando invasões de *hackers* em contas bancárias, o que pode acontecer pela possibilidade do computador estar infectado por vírus.

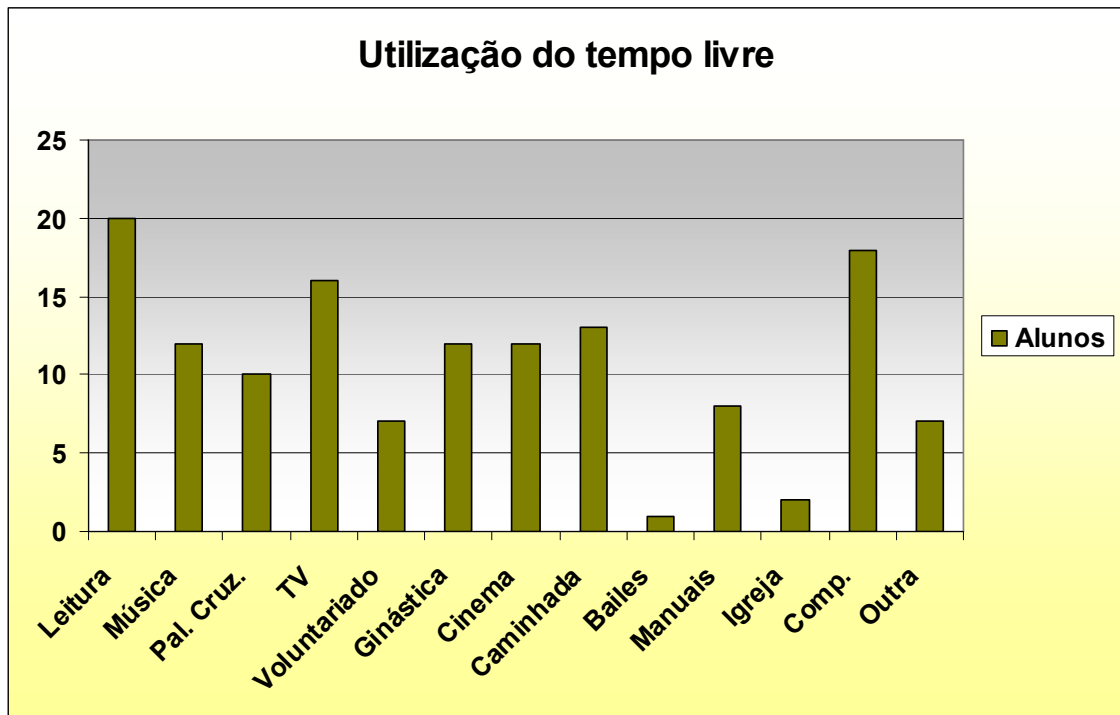
*Figura 8 – Gráfico de utilização do computador*



Com relação à ocupação do tempo ocioso, 100% dos participantes referiram a leitura como uma atividade que praticam em horas vagas e que se apresenta muito prazerosa, seguida do computador com 90% e da televisão com 80%. Nessa questão, algumas idosas referiram na categoria Outra, o fato de ser avó, relacionando como mais uma atividade que ocupa o tempo livre e para a qual existe a disponibilidade a qualquer hora. Nesta categoria também apareceu o estudo como uma atividade complementar, evidenciando a busca por atualização contínua, uma característica da contemporaneidade.



Figura 9 – Gráfico de utilização do tempo livre



### Estudo Qualitativo

O estudo qualitativo analisou as verbalizações dos entrevistados, agrupando-as em unidades de análise que foram dispostas em categorias, permitindo a elaboração de textos interpretativos que serão descritos conforme segue.

### *Motivação*

Esta unidade de análise apresentou cinco categorias: atualização, inclusão/inserção no mundo atual, conhecimento, família e necessidade. O termo atualização aparece em grande parte dos questionários. A palavra atualização tem sua raiz em *atual*, um adjetivo, “que ocorre no momento em que se fala, no presente”. Observa-se nessa categoria o movimento de acompanhar o momento presente (Kachar, 2003).

O interesse pelo aprendizado de informática nasce desse momento presente percebido diariamente, onde a informação é dinâmica e interativa. Há uma necessidade premente de inserir-se nesse contexto, para sentir-se incluído na sociedade atual. Por isso, a categoria inclusão/inserção no mundo atual aparece fortemente conectada com atualização, uma vez que ao inserir-se no mundo tecnológico o adulto maduro estará atualizando-se e vice-versa, ambas refletem o sentido de atualizar-se e gerar possibilidades de crescimento individual. Nas falas “... não ficar analfabeto nesse sentido” (Capella); “...não ficar para trás...” (Arcturus); “...tomar conhecimento da modernidade...” (Acrux), fica evidenciada a latente intenção de não ficar à margem, não continuar a ser iletrado tecnologicamente, pois desvendar a utilização do computador para necessidades básicas é uma porta aberta para o rejuvenescimento, para uma reinserção no curso da contemporaneidade.

Na categoria Conhecimento, as verbalizações apontam para o prazer de aprender, para a busca por novos conhecimentos, demonstrando que a aprendizagem contínua instiga a renovação no indivíduo, com o lançamento de novos desafios e constante evolução. Em alguns questionários a importância desse aprendizado aparece como uma válvula de escape que pode trazer uma participação ativa, criativa e comprometida mentalmente com uma nova forma de envelhecer. A satisfação atrelada ao benefício do aprender aparece caracterizada nas colocações “... poder aprender mais” (Canopus); “... gostar de aprender coisas novas...” (Spica); “...tenho prazer em aprender...” (Pollux) e “... sempre fui uma pessoa que perseguiu o novo, novos conhecimentos, sou ávida...” (Mimosa), onde os participantes demonstram que, conforme cita Zanella (2003), a aprendizagem é um processo que só finda com a morte, ou seja, em qualquer etapa pode-se aprender e modificar comportamentos. Para La Rosa (2003), sempre é possível aprofundar mais e estabelecer múltiplas relações, as quais são infinitas. O aprendiz é um curioso e aquele que se fecha a novas aprendizagens está matando um pedaço de sua humanidade. Na verbalização de Mimosa, que possui 85 anos, supõe-se, ainda, uma

atitude pró-ativa diante do desconhecido, enfatizada pelo fato da sua trajetória anterior ser permeada por essa busca incessante de atualização. Isso explica a heterogeneidade do envelhecimento, porque alguns longevos vivem a velhice em sua plenitude, enquanto outros apenas a lamentam.

A motivação que vem da família traz uma aprovação prévia para o idoso que o deixa menos apreensivo. É cada vez maior o número de filhos e netos que incentivam os idosos a participarem desse novo momento e o fazem através da compra do computador, da procura por cursos ou professores e do incentivo real, posteriormente, na interação via e-mail ou conversas virtuais no exercício dos aprendizados. No que tange ao ensinamento de informática, a família, na maioria das vezes, ainda não se encontra preparada para ensinar aos mais velhos. Observou-se uma grande quantidade de tentativas neste sentido, mas todos reclamam da falta de paciência e da cobrança imediata de resultados.

A última categoria encontrada foi definida como Necessidade. Em função da longevidade alcançada nos dias de hoje, existe uma quantidade maior de idosos que possuem uma vida ativa profissionalmente, ou que se dedicam a novas atividades para as quais acabam tendo como necessidade a utilização do computador. Essa é uma informação que reflete o momento atual de planejar a segunda etapa da vida e viver com qualidade o tempo que desejar. Sem dúvida, esse é um momento para ser pensado e desfrutado, porque é também uma fase rica para o desenvolvimento pessoal.

### *Impacto*

O impacto que aprender informática pode trazer para a vida de um idoso foi analisado e gerou quatro categorias: aproximação de familiares, nova dimensão, valorização e superação.

A família aparece sempre de forma muito presente nas verbalizações dos idosos ao falarem sobre a informática, por vezes em razão do apoio e incentivo, tanto financeiro, como psicológico, por vezes em razão da aproximação das gerações. Esta, possibilita um envolvimento afetivo maior, criando vínculos que, antes, acabavam perdendo-se na correria do dia-a-dia. O ciclo de vida familiar é influenciado por todos os membros individualmente, cada ação tomada reflete no todo. Diante disso, a informática possibilita uma nova forma de expressão entre gerações afastadas por um progresso desenfreado, pois exercita a capacidade de diálogo e readaptação.

Segundo Sommerhalder e Nogueira (2002), os estudos reafirmam a importância do relacionamento entre gerações como a maneira mais eficiente para formar percepções positivas em relação à velhice. É através desse relacionamento que se pode conhecer a história de vida passada, minimizar preconceitos e, compartilhando a diversidade cultural de valores e estilos de vida, erradicar possíveis diferenças entre as faixas etárias. É preciso aprender com a sabedoria dos mais velhos e, da mesma forma, aprender idéias novas com os mais jovens.

Para Cerveny e Berthoud (2004), é relacionando-se com os filhos que ao longo do tempo os pais conhecem neles seus pares e numa “meta percepção”, vão vendo partes de si, como pais, reproduzidas nos filhos e netos. As autoras complementam que, na sociedade atual, devido à distância das cidades e a maior parte do tempo voltada para o trabalho, é preciso gerar novas formas de manter o vínculo. Seguindo essa linha de raciocínio, destacam-se algumas colocações, onde os idosos relatam que conseguiram conversar com filhos ou netos distantes geograficamente, em outros estados do Brasil ou em outros países, inclusive fazendo uso da câmera e do microfone, o que para eles é visto como uma ampliação do mundo. Assim explicita *Capella* “... posso me comunicar com meus amigos, minhas filhas,

*sem sair de casa, além do telefone. É uma outra maneira de se comunicar fora tudo o que se pode aprender...”.*

Ter uma nova dimensão das diversas possibilidades do uso do computador, foi uma outra forma de impacto referida pelos idosos. Na fala de *Achernar*, o participante se refere a ser uma pessoa que falava “*barbaridades*” sobre o computador, no sentido negativo, mas que acabou encontrando nele uma ferramenta excelente. Da mesma forma, *Betelgeuse* expõe: “*tudo o que eu penso já está na forma de usar no computador, eu adoro usar o computador para tudo...*”. Com isso, destaca-se não só o aprendizado, mas a incorporação de uma nova forma de pensar, explicitada em algumas colocações onde os participantes relatam que ao ler o jornal, ou alguma revista, já pensam em procurar mais conteúdo na Internet para melhores esclarecimentos.

As categorias valorização e superação possuem uma inter-relação muito consistente na medida em que superar-se implica em uma auto-valorização natural que leva a um reforço na sua percepção de auto-eficácia. Na Teoria Sociocognitiva, Bandura define como senso de auto-eficácia ou auto-eficácia percebida ou, ainda, crenças de auto-eficácia um dos mecanismos de regulação do *self* onde o indivíduo define sua direção a partir de julgamentos prévios que influenciam a sua maneira de agir e de pensar. (Pervin & John, 2004). A percepção de auto-eficácia das pessoas influencia o tipo de cenários antecipatórios que serão construídos. Aqueles que possuem um alto senso de auto-eficácia visualizam cenários de sucesso que fornecem direções positivas para o seu desempenho na busca por soluções para os problemas. Aqueles que se julgam ineficazes são mais inclinados a visualizar cenários de falhas e insistir nas explicações em como os desfechos não serão positivos (Bandura, 1989).

Em algumas verbalizações, a idéia de que “*não fosse conseguir*” aparece como um julgamento de auto-eficácia negativo, influenciado por uma bagagem carregada de preconceitos impostos pelo meio em que vivem, onde são completamente desacreditados. Por

vezes essa auto-imagem estereotipada advém da família, podendo, também emergir da mídia e da sociedade como um todo, que relaciona o envelhecimento somente a perdas. Entretanto, como ressalta Neri (2006), no decorrer da velhice as percepções de auto-eficácia podem aumentar, diminuir ou permanecer estáveis, pois as pessoas mudam quanto à forma como estruturam, regulam e avaliam suas vidas. A autora ainda destaca a importância de incentivar o desenvolvimento de crenças de auto-eficácia na velhice para o bem-estar do idoso, utilizando estratégias tais como o uso seletivo de informações baseadas na experiência acumulada, a valorização de domínios preservados funcionalmente e a minimização daqueles que têm menor desempenho.

### *Pressuposições*

A unidade de análise Pressuposições engloba as categorias Medo, Incapacidade e Admiração. Nesta questão, foi perguntado aos idosos o que eles pensavam sobre o computador antes de começarem a ter aulas.

Constatou-se que uma idéia fantasiosa de que podem “*estragar tudo*” ou “*perder tudo*” e o medo associado a estas pré-concepções, permeiam seus pensamentos, afastando-os, muitas vezes, da iniciativa de querer aprender a utilizar o computador. Entretanto, chama a atenção o fato desses idosos, mesmo com o sentimento de apreensão, procurarem o ensino de informática por estarem dispostos a vencer esse medo. Evidencia-se, como um pensamento anterior ao começo das aulas, a noção errônea do funcionamento do computador e, em função disso, um sentimento de impotência e incapacidade que, na verdade, não possuem. O aspecto relacionado à onipotência do computador surge em várias verbalizações quando aparece a idéia de que o computador é muito inteligente e possui domínio sobre os seres humanos.

Na categoria Incapacidade, novamente observou-se percepções negativas de auto-eficácia, onde não possuem o mínimo de crença em si mesmo, apesar de direcionarem o

desfecho para o aprendizado ao invés de relegá-lo a um segundo plano. Saraiva e Argimon (2008) citam a rigidez do autojulgamento feito pelos idosos com eles mesmos, não se permitindo errar e comparando-se com netos e filhos, quando o esperado para que haja um reforço positivo é que se compare com os iguais. Ainda que alguns idosos demorem a tomar a atitude de iniciar as aulas, o importante é que o fazem em determinado momento, o qual julgam adequado em sua vida e acabam superando expectativas em relação à máquina e à si mesmo. Isso foi bem explicitado nas verbalizações de *Betelgeuse* “... achava que era um bicho de sete cabeças...”, *Canopus* “... que era difícil e não era para mim...”, *Fomalhaut* “... achava que seria muito complicado...” e *Achernar* “... me assustava, eu achava que eu era incapaz...”. Kachar (2001b) menciona que a exploração de novos territórios onde a pessoa se experimenta em circunstâncias desconhecidas, leva a uma apropriação de habilidades onde o novo deixa de ser novo, pois se torna familiar e, nesse momento, a pessoa não é mais a mesma, torna-se outra.

Em contrapartida, alguns idosos relatam que nunca tiveram medo, mas sim admiração pela máquina e tudo que se relaciona a ela. Nesse sentido, destaca-se a heterogeneidade do envelhecimento, que é fruto da história de cada pessoa e sua atitude frente à vida. Baltes, Lindenberger e Staudinger (1998) enfatizam que pessoas hostis são pouco inclinadas a se suavizar com a idade, enquanto que pessoas otimistas tendem a se preservar assim. A hipótese pensada para esses idosos que não se assustam com a tecnologia, mas, ao contrário, admiram seus benefícios, faz jus a uma atitude positiva diante dos obstáculos, bem como a uma confiança em si mesmo para enfrentar o novo.

### *Reavaliações*

Esta unidade de análise foi nomeada como Reavaliações, pois apresenta uma segunda idéia a partir da pressuposição feita sobre o computador. De posse de toda a

informação recebida através das aulas, foi perguntado aos idosos se alguma coisa havia mudado em sua idéia original, emergindo duas categorias bem definidas: mudança e confirmação.

A maioria das respostas foi classificada como uma mudança significativa diante do que se pensava, inclusive gerando reflexos positivos para a auto-estima dos idosos. Segundo Briggs (2002), a auto-estima não é de caráter definitivo, pois é um processo de formação que evolui e dura por toda a vida e realimenta-se com novas experiências, que levam a um novo êxito ou fracasso, que por sua vez leva a uma nova concepção, formando um círculo de reflexos positivos e negativos. Na colocação de *Kentaurus*: “...não me senti mais discriminada, porque eu ficava com vergonha, me sentia praticamente uma analfabeta...” é possível sentir o resgate dessa imagem positiva.

O mito de o computador ser “*um bicho de sete cabeças*” é desconstruído após as aulas, criando a imagem contrária, onde o sujeito é a parte ativa do processo, pois sem ele o computador nada faz. Ao descobrirem esse “poder” sobre a máquina, valorizam-se e apropriam-se de conhecimentos, superando as dificuldades. Apenas um dos participantes disse ainda ter medo após as aulas, ainda que seja menos, o que pode ser explicado pela quantidade de aulas feitas, ou mesmo pelo nível de envolvimento desse com o computador.

É possível perceber que os participantes ficam felizes com as novas descobertas e expressam essas conquistas de forma espontânea, conforme expressa *Proción*: “...*agora com o que eu já sei já estou me sentindo muito feliz...*”, principalmente porque, segundo Kachar (2003), o erro nessa faixa etária incomoda muito. Por vezes preferem não arriscar para não errar, mas ao fazê-lo adquirem autoconfiança.

A segunda idéia encontrada nas respostas e que foi categorizada como Confirmação define aqueles que já admiravam o computador e acabaram encontrando novas possibilidades de aproveitamento do mesmo. Alguns falam em domínio do computador e definem esse



domínio como poder ligar, mandar e-mails, navegar na Internet e desligar, sem precisar de ajuda. Expressam a auto-suficiência diante da máquina, o que, por si só, já é um momento de superação.

### *Motivos*

Nessa unidade de análise, os motivos pelos quais houve a procura por um ensino individualizado de informática foram agrupados em seis categorias. São elas: comodidade, rendimento/ritmo, inibição, praticidade, eficiência e oportunidade.

Observou-se que o ensino particular oferece comodidade e praticidade no sentido de proporcionar maleabilidade de conteúdos, horários e tempo de aprendizado, sendo que as aulas são ministradas no computador que será utilizado pelo idoso. Esse ponto torna-se um diferencial, na medida que a adaptação do aprendizado em um computador que não seja o seu para o seu próprio requer potencialidades cognitivas avançadas para a troca de contexto. Nas falas de *Arcturus*: “...o professor vem em casa, os horários são ajustados de acordo com nossa disponibilidade, a gente mexe no próprio computador” e *Capella*: “... não queria um curso que levasse dois, três anos, vendo coisas que não me interessam...” fica bem evidente que o importante para esses alunos, talvez em função de sua condição econômica, é exatamente a objetividade e adaptabilidade do ensino particular. Diante disso, relatam ser esse um tipo de ensino eficaz, em razão da idade, da adequação, da não restrição a grupos e horários e de um ganho na qualidade do vínculo e do conteúdo, o que originou a categoria Eficiência.

A categoria Ritmo/rendimento dá conta de algo muito particular ao envelhecimento, o ritmo de cada pessoa, que influencia diretamente o rendimento de cada um. Sabe-se que há um declínio cognitivo com a idade relativo a uma manifestação natural do corpo e que, conforme afirma Kachar (2003), não inviabiliza o domínio do recurso tecnológico, apenas

requer um contexto educacional diferenciado com uma prática pedagógica específica. *Rigel* coloca que o aprendizado acontece “... de acordo com minha capacidade e necessidade, com meu ritmo, com repetição, um aprendizado por repetição...”. Em algumas entrevistas, os participantes referem-se ao aprendizado por repetição, justificando a necessidade do mesmo, por uma perda gradativa de memória. De acordo com Yassuda, Lasca e Néri (2005), a velocidade de processamento das informações é menor nos adultos mais velhos do que nos jovens, embora, em outro estudo, Yassuda, Batistoni, Fortes e Néri (2006) apresentam resultados de pesquisas que sugerem a possibilidade de compensação, pelo menos parcial, dos déficits cognitivos em função da plasticidade cognitiva.

Questões relacionadas ao medo de errar, a falta de confiança em si mesmo e a mudança no ritmo de aprendizado de adultos maduros explicam o porquê da categoria Inibição. Para os aprendizes da terceira idade, o erro incomoda muito, ficam desconcertados com o próprio erro e acabam tendo restrições para tomar decisões, preferem perguntar antes ao invés de tentar e descobrir sozinhos (Kachar, 2003). A aula particular possibilita então, como verbaliza *Spica* “... me sinto mais confortável para perguntar...”, um alívio mental no sentido de permitir, assim que o vínculo aluno-professor esteja estabelecido consistentemente, que quaisquer questões sejam feitas sem julgamentos de outras pessoas. Nesse sentido, *Kentaurus* e *Hadar*, citam a inibição e o constrangimento que uma aula coletiva, principalmente com alunos mais novos, pode trazer, inclusive inviabilizando o projeto de aprendizado.

É interessante observar a categoria Oportunidade que reúne verbalizações de participantes que não tinham a intenção, nem a ânsia de inserção no mundo tecnológico, mas que por influências externas, principalmente da família, acabaram encontrando uma porta aberta para um novo horizonte. O computador possibilita múltiplas utilizações e, para cada pessoa, tem um significado próprio. O idoso precisa conseguir compreender o seu

funcionamento para que possa explorá-lo dentro da sua curiosidade, concomitantemente aos seus interesses, de forma a torná-lo uma ferramenta de auxílio, entretenimento e conhecimento.

### *Vínculo*

Esta unidade de análise abordou o vínculo existente na relação professor-aluno no espaço de uma aula individual. Foram encontradas as categorias Afetivo e Produtivo.

Os participantes em sua maioria exprimem o valor da afetividade como essencial para que aconteça o aprendizado. Para alguns, a aula de informática preenche espaços vazios que podem ocorrer em razão da solidão, da falta de atenção dos familiares ou simplesmente por não estarem preparados para a chegada da velhice. Capitanini (2000) define solidão como um estado emocional que inclui isolamento, tristeza e apatia, provocado pela ausência de relacionamentos significativos. Pode-se estar só ou ser só. Ainda, a mesma autora salienta que viver sozinho pode não significar sentir solidão se a pessoa possui recursos alternativos tais como boa saúde e com ela autonomia e independência, uma rede satisfatória de amigos ou o envolvimento em atividades sociais, produtivas e de lazer. A única participante solteira dessa amostra, informalmente, distanciando-se das perguntas da entrevista, algo que aconteceu com muita frequência e que acabou gerando um registro auxiliar, expõe com muito orgulho o fato de ser solteira, mas nunca sentir-se só, exatamente em virtude de sua rede social de amigos e do envolvimento com atividades na igreja e complementares.

A importância de relacionamentos significativos aparece com o vínculo de amizade e cumplicidade estabelecido entre aluno e professor. O encontro, como citou *Mimosa*, “... *é uma terapia. A presença, a aula, o trabalho com ela, não chamo de aula, é realmente uma terapia...*”. Metaforicamente, *Mimosa* define sua professora como um raio de sol que entra em sua casa quando chega, ou seja, traz alegria, traz renovação, traz uma nova visão. Do

mesmo modo, expressando a relevância dessa empatia encontrada através da afetividade, *Prócion* relata: “... vou te dizer uma coisa: desde o primeiro dia que abri a porta para minha professora, senti uma coisa tão boa, que até me emociono...”. *Pollux* coloca que a relação com seu professor é excelente, como se fosse da família. *Rigel* relata que a relação com sua professora é tão intensa, que existem fatos pessoais que só conta a ela e justifica dizendo que, apesar de ser uma pessoa jovem em comparação à sua idade, possui valores e princípios como os seus, por isso a consonância da convivência. *Achernar* diz não ser o caso dele, pois tem muita gente ao redor, mas pensa que o professor deve “... ser profissional sem perder de vista o lado humano... pois a maioria dos idosos são pessoas solitárias e o ensino de informática ajuda e muito, pois as pessoas começam a se comunicar.”.

Destaca-se, nessa unidade de análise, a categoria Produtivo, referente ao vínculo estabelecido, profissionalmente, na relação de ensino-aprendizagem, que não extrapola a aula. Supõe-se, nesses casos, a integralidade da pessoa em seu estado emocional e uma estruturação familiar e social consistente de forma a não necessitar suprir faltas. Dessa forma, as palavras “... muito proveitosa...”, “... produtiva...” e “... uma excelente didática...”, verbalizadas por alguns participantes, interligam-se com motivos como rendimento e eficiência relacionados na unidade de análise anterior. Ainda como hipótese à criação desta categoria, associa-se o fato de haver participantes que precisam conhecer o computador para uso profissional e não apenas para lazer, necessitando ainda de produtividade e resultados.

#### *Características do professor*

A última pergunta do questionário feita aos participantes refere-se a uma opinião deles, uma vez que são os próprios sujeitos desse processo, sobre quais seriam as características necessárias a um profissional que ensina informática para idosos. Emergiram

dessas respostas quatro categorias que são: ser paciente; ter conhecimento de informática e de envelhecimento; ter sensibilidade/perspicácia; ter didática.

É unânime entre os participantes a necessidade do professor ser paciente. A maioria define que essa característica é essencial em virtude da memorização que deve ser feita através da repetição do que já foi visto, como citam *Capella* “... paciência em primeiro lugar, a pessoa repete, repete...” e *Prócion* “... paciência, repetição, volta, tem dias que tem que repetir muito mais do que outros...”. A contextualização dos conteúdos com a história de vida do aluno, adequando o aprendizado ao que é factível e aplicável pode minimizar os problemas de retenção do conhecimento, pois como afirma Lima (2001), se houver valorização dos saberes já existentes do idoso, oportunidades de desenvolvimento de competências e talentos, isso lhe possibilitará apropriar-se de conhecimentos que favorecerão melhor compreensão da realidade que o envolve, em todas as dimensões: o mundo, os fatos, as pessoas.

A essa categoria soma-se um requisito tão relevante quanto a paciência quando se fala em informática para idosos, que é ter sensibilidade e perspicácia para se colocar no lugar do idoso que descortina um novo horizonte. Conseguir, como diz *Vega*, “... tentar pensar do jeito que a gente pensa, porque acho que é muito diferente a lógica do pensamento...”, exige do professor uma habilidade intelectual que apresenta-se como uma conjunção entre o conhecimento sobre o envelhecimento, o conhecimento de informática e um grau diferenciado de inteligência interpessoal. Conforme a Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner (2003), a inteligência interpessoal pode ser descrita como uma habilidade para entender e responder adequadamente a humores, temperamentos, motivações e desejos de outras pessoas e para reagir apropriadamente a partir dessa percepção. O professor precisa reunir esses conhecimentos e, muito lentamente, mostrar aos idosos a lógica de funcionamento do computador, algo muito novo para quem foi treinado analogicamente. Na

verdade, não é a lógica do pensamento do idoso que é diferente, como exprimiu *Vega*, mas a forma de pensar diante das ferramentas que o computador oferece.

Outrossim, a sensibilidade e a perspicácia do professor para conseguir buscar sentido nas aulas, conseguir despertar a curiosidade ao mesmo tempo em que oferece subsídios para tal, conseguir perceber o ritmo do aluno, fazem dele um profissional qualificado para o objetivo proposto. Além dessas características, três verbalizações remetem ao sentimento de proximidade encontrado com seus professores quando falam em “... *deve ser uma pessoa afetiva, compreensiva, mais suave...*” (*Canopus*); “... *precisa ter um carisma, essa coisa gostosa do convívio que tenho com minha professora...*” (*Prócion*); “... *empatia...*” (*Spica*). É interessante observar a fala de *Canopus* quando diz “... *deve ser uma pessoa... mais suave...*”, pois essa é uma característica bem marcante das pessoas idosas cuja docilidade encanta, ao menos para aqueles que não possuíram traços derrotistas em sua história de vida. Trata-se, ao invés, de reconhecer que o valor de um ser humano não reside no seu desempenho físico, mas na sua dignidade essencial de ser humano, nos seus talentos individuais, no seu mundo afetivo e na sua experiência única de vida (Incontri, 1996). Ainda como comentário a essa fala, é possível ler nas entrelinhas a isenção do cumprimento de metas e de um desempenho excelente. O objetivo final é outro, a troca professor-aluno, às vezes, pode ser tão intensa que extrapola os limites da aula e, em muitos casos, os alunos precisam apenas conversar, ao invés de aprender. Para alguns a aula será um momento de distração, logo o entretenimento é o objetivo final. Para outros, que ainda trabalham e têm necessidade de aprender, a aula será aproveitada no sentido da produtividade e aplicabilidade.

A categoria Ter didática reuniu, na visão dos participantes, características referentes ao método de ensino aplicado nas aulas. Para eles, o sentimento de sentir-se seguro remete a ter confiança no professor e este, por sua vez, acreditar no seu potencial, a ponto de estabelecer um pacto silencioso de confiança mútua, para que o aluno possa se expor e

mostrar suas fragilidades. Nesse sentido, *Betelgeuse* revela em sua verbalização a confiança que ela tem em sua professora quando coloca “...*facilidade que ela tem de destrinchar, de sair dos nós que a gente cria...*”.

Nesta categoria ainda, os participantes citaram o estímulo a vencer obstáculos, a ajuda a sentir-se capaz de aprender e a ênfase no lado humano como características que devem estar inseridas no método de ensino para idosos. Em consonância a essas necessidades, a didática aplicada ao ensino de informática para idosos deve privilegiar o ritmo de cada aluno, elaborando exercícios contextualizados com a sua vivência e necessidade, com a repetição dos conteúdos quantas vezes for necessário, instigando o aluno a treinar sozinho para que tenha dúvidas e respostas. Quando *Capella* diz “...*tem que escrever porque a gente não está num trabalho diário, esquece...*”, o participante toca em um ponto essencial, didaticamente, que é o registro da aula na forma que o aluno entenda. Por vezes, apostilas prontas não conseguem atingir o entendimento substancial do conteúdo, porque existe informação demais ou de menos. Nos registros auxiliares feitos paralelamente às entrevistas, vários participantes mostraram suas “*biblias*” como eles mesmos chamam, que são cadernos com suas aulas todas escritas pelo professor, onde existe o passo a passo do que foi feito em determinada data.

A compreensão sobre as características inerentes ao envelhecimento, bem como o conhecimento de informática foram pontos citados em algumas verbalizações, formando a categoria Ter conhecimento de Informática e de Envelhecimento. O professor precisa ter uma visão global de como se processa o envelhecimento, para conseguir caracterizar seu aluno dentro do momento ao qual ele pertence dentro do ciclo vital, acrescido de seus traços pessoais e de suas expectativas quanto ao aprendizado de informática. Para alguns, a aula precisa conter traços afetivos, trocas, estímulos; para outros, a aula deve ser objetiva, produtiva, envolvente. E existem aqueles que não tem pressa, cujos ensinamentos tornam-se

muito cansativos se não houver uma parada para um cafezinho, mesmo que por apenas uma hora de aula. O professor deve saber conduzir essas diferentes situações, adaptando conteúdos, de forma a manter a motivação e possibilitar descobertas. É papel também do educador mostrar que o aprendizado de uma nova tecnologia se faz de forma gradativa, evitando, assim, a ansiedade peculiar em cada pessoa. Essa competência emocional para sentir o momento e saber qual atitude tomar, faz a diferença para os adultos maduros.



## Considerações Finais

A análise de algumas características sociodemográficas dos participantes deste estudo permitiu identificar um perfil diferenciado do que era esperado para a faixa etária, pois a maioria concentrou-se na faixa de 71 a 80 anos, com uma média aproximada de 72 anos de idade. Ainda, abrangendo as três faixas de idade definidas, essa amostra apresentou uma maioria de casados, em uma época da vida cuja predominância, conforme alguns estudos, são de viúvos ou viúvas. Destaca-se também a relação feita com a idade do participante e há quanto tempo ele já usa o computador, enfatizando a faixa que vai dos 71 aos 80 anos por estar buscando iniciar o aprendizado de informática ou por já possuir o conhecimento há mais de três anos, uma diferenciação evidenciada neste estudo. A hipótese relacionada a essas constatações relaciona-se ao nível socioeconômico alto da amostra que teve renda média de 9 salários mínimos regionais.<sup>2</sup>

Com relação à utilização do computador, o receio de acessar bancos via Internet foi quase unânime, retratando a existência de um desconhecimento do computador e, a partir disso, um medo diante da confidencialidade de informações pessoais. Acredita-se ser bem prudente da parte dos idosos tomarem esse assunto com cuidado, pois existem inúmeras artimanhas feitas por *hackers*, através do e-mail, com a finalidade de obter senhas de bancos e cartões.

No estudo qualitativo pode-se observar toda a criação de uma figura metafórica do computador como um “bicho de sete cabeças” para a maioria dos participantes. Mas, como na infância, ao mesmo tempo em que a criança quer se afastar do elemento conflitante, também quer se aproximar. E, ao se aproximar, tocar, conhecer, desconstrói um mito gerando um aumento de sua auto-estima por ter vencido um obstáculo. Ficou muito clara essa

---

<sup>2</sup> Valor do Salário Mínimo Regional vigente em dezembro de 2008 no RS: R\$ 477,40

reconstrução através das perguntas sobre o que se pensava do computador antes de ter aulas e como isso ficou depois das aulas. Percebeu-se a evolução da lógica de pensamento dos participantes, inclusive a ponto de conseguirem expressar que o computador não os domina mais. Ainda no que tange à mudança de comportamento frente ao computador, chama a atenção a quantidade de crenças negativas neles próprios ao não acreditarem serem competentes para esse aprendizado. E que, após as aulas, passaram a se surpreender com suas próprias habilidades, criando reforços positivos sobre sua auto-imagem. Este é um dos melhores resultados que a informática pode trazer, porque não há como negar o progresso individual, ele torna-se real na medida em que a pessoa consegue se comunicar com outras, consegue procurar sobre suas dúvidas e curiosidades na Internet e passa a utilizar o computador sem precisar de ajuda.

Durante todas as entrevistas, os participantes expressaram os mais diversos sentimentos e necessidades diante do computador. Evidenciou-se uma busca incansável por atualização com o objetivo de manter-se inserido na contemporaneidade, para que seja possível conversar de igual para igual com filhos e netos, obter uma informação de forma rápida e eficiente, encontrar amigos distantes, falar com familiares que moram longe. Além disso, o prazer de aprender apareceu de maneira comprometida com uma nova forma de envelhecer, mantendo os indivíduos ativos, autônomos e inseridos socialmente. Citam, para tanto, a aplicação de um ensino pedagógico voltado para as características dos idosos onde é preciso respeitar o ritmo, repetir os conteúdos quantas vezes for preciso, estimular, instigar o aprendizado, lançar desafios e contextualizar com o dia-a-dia do aluno. Nessa caminhada, o professor é um agente de transformação que deve ter o conhecimento de informática aliado ao conhecimento sobre o envelhecimento, de forma que consiga entender e responder aos questionamentos, temperamentos e motivações de seus alunos. O professor precisa ter perspicácia suficiente para compreender os anseios e as expectativas de cada aluno,

acrescentando o lado humano e afetivo na busca do aprimoramento do aprendizado. A família aparece em muitas verbalizações como uma incentivadora, tanto em questões de motivação para o início, quanto de interação, posteriormente, através das ferramentas aprendidas. Mas os membros da família não estão preparados para o ensinamento de informática aos idosos, ainda que aconteçam várias tentativas nesse sentido.

A aula individualizada de informática aparece como uma opção alternativa de ensino, uma vez que associa praticidade e comodidade ao ritmo do aluno diante de uma maior maleabilidade de conteúdos. Apesar de não haver convivência entre os pares como num grupo, o vínculo entre o aluno e o professor torna-se tão forte que alguns participantes sentem o professor como alguém da família. Nesses casos, a aula extrapola o conteúdo e, como citado por um participante, serve como uma terapia na medida em que traz para o idoso uma valorização de suas conquistas frente a tantas representações negativas divulgadas em nossa sociedade.

Ainda que o presente estudo não permita que sejam feitas generalizações, devido ao tamanho da amostra e o foco em um estilo de vida que não representa a maioria do país, foi possível encontrar informações relevantes no que tange a um novo perfil de idoso que busca manter-se ativo e inserido no contexto atual de mundo, o que por si só evidencia avanços para a faixa etária em questão. Esse trabalho se propôs a estudar um nível socioeconômico diferenciado por não existirem estudos nessa direção, apesar dos sentimentos de desamparo, solidão e descrença também acontecerem nessa camada da sociedade.

Dessa forma, aprender a desvendar o computador e suas potencialidades pode ser um passo rumo a uma nova dimensão ou pode ser a continuação de uma caminhada, ambos com um sentido de valorização, superação e resgate de auto-estima. Essa é uma necessidade latente, característica da pessoa idosa em qualquer camada social, que em função de tantas perdas, clama silenciosamente por carinho, afeto, atualização e reconhecimento.

## Referências

- Baltes, P., Lindenberger, U. & Staudinger, U. (1998). Life-span theory in developmental psychology. In Lerner, R. (Ed.), *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development*, Vol. 1. (pp. 1029-1143). New York: Wiley.
- Bandura, A. (1989) Regulation Cognitive Processes Through Perceived Sel-Efficacy. *Developmental Psychology*, 25 (5), 729-735.
- Bardin, L. (2002) *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Beck, A. T., Steer, R. A., & Brown, G. K. (1996). *BDI-II Manual*. The Psychological Corporation, Harcourt Brace & Company. San Antonio.
- Briggs, D. (2002). *A auto-estima do seu filho*. São Paulo: Martins Fontes.
- Capitanini, M. (2000). Solidão na velhice: realidade ou mito? In Neri, A. & Freire, S. (orgs). *E por falar em boa velhice*. São Paulo: Papyrus.
- Cervený, C. & Berthoud, C. (2004). *Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freire, S. (2000). Envelhecimento Bem-sucedido e Bem-estar psicológico. In Neri, A. & Freire, S. (orgs). *E por falar em boa velhice*. São Paulo: Papyrus.
- Gardner, H. (2003) *A nova ciência da mente*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [IBGE] (2003). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2002: Microdados*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Incontri, D. (1996) A mídia e a imagem do idoso: uma questão ética. In Netto, Matheus Papaleo (org.). *Gerontologia*. São Paulo, Atheneu.
- Kachar, V. (2001a) *A terceira idade e o computador: interação e produção num ambiente educacional interdisciplinar*, Tese de doutorado em educação, PUC/SP.

- Kachar, V. (2001b) *Jornal Computador: um projeto de construção de cidadania para e pela terceira idade*. In Kachar, V. (Org.). *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez.
- Kachar, V. (2003) *Terceira Idade & Informática. Aprender Revelando Potencialidades*. São Paulo: Cortez.
- Krippendorff, K. (1988) *Content Analysis: an introduction to its methodology*. Newbury Park: Sage.
- La Rosa, J. (2003). Teoria da Aprendizagem Social: Albert Bandura. In La Rosa, J. (org.) *Psicologia e Educação: O significado do Aprender*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Lima, M. (2001) Reformas paradigmáticas na velhice do século XXI. In: Kachar, Vitória. *Longevidade: um novo desafio para a Educação*. São Paulo: Cortez, 15-26.
- Lima, R. de. (2004) Para entender o pós-modernismo. *Revista Espaço Acadêmico*. Nº 35, Abril. Recuperado em 10 de Novembro de <http://www.espacoacademico.com.br/035/35eraylima.htm>
- Ministério da Saúde (2002). *Terceira idade – Dados Estatísticos sobre os Idosos*. Recuperado em 15 de Outubro de [http://www.saudeemmovimento.com.br/conteudos/conteudo\\_exibe1.asp?cod\\_noticia=91](http://www.saudeemmovimento.com.br/conteudos/conteudo_exibe1.asp?cod_noticia=91)
- Neri, A. L.; Freire, S. A. (2000). E por falar em boa velhice. Campinas, SP: Papyrus.
- Neri, A. L.; Freire, S. A. (2000). Psicologia do Desenvolvimento. Campinas, SP: Papyrus.
- Neri, A. (2003). Qualidade de vida no adulto maduro: interpretações teóricas e evidências de pesquisa. In A. L. Neri. *Qualidade de vida e idade madura* (5a. ed.) São Paulo: Papyrus.

- Neri, A. (2006). Crenças de auto-eficácia e envelhecimento bem-sucedido. In: Freitas, E., Py, L., Cançado, F., Doll, J. & Gorzoni, M. (Orgs.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 2ª ed. Vol. 1, 1267-1276. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Pasqualotti, A. & Both, A. (2008). Pessoa idosa, tecnologias de comunicação e interação e educação permanente: um encontro inesperado, um fato possível. In Ferreira, A., Fraquelli, A., Schwanke, C., Wehmeyer, C., Machado, L., Terra, N., Schneider, R. & Lindôso, Z. (Orgs.) *Inclusão Digital de Idosos: a descoberta de um novo mundo*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Pervin, L. & John, O. *Personalidade: teoria e pesquisa*. 8ª edição. Porto Alegre: Artmed
- Rowe, J. & Kanh, R. (1998). *Successful aging*. New York: Pantheon Books.
- Saraiva, C., Wendt, G., Rech, T. & Argimon, I. (2006). O impacto da informática educativa na qualidade de vida para idosos. *Revista Perspectiva, set, 30* (111), 79-88.
- Saraiva, C. & Argimon, I. (2008). Eu tenho medo do computador: será que isso é para mim? In Ferreira, A., Fraquelli, A., Schwanke, C., Wehmeyer, C., Machado, L., Terra, N., Schneider, R. & Lindôso, Z. (Orgs.) *Inclusão Digital de Idosos: a descoberta de um novo mundo*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Silva, P. da & Almeida, R. de (2008). O acesso às novas tecnologias: construindo qualidade de vida na velhice. In Ferreira, A., Fraquelli, A., Schwanke, C., Wehmeyer, C., Machado, L., Terra, N., Schneider, R. & Lindôso, Z. (Orgs.) *Inclusão Digital de Idosos: a descoberta de um novo mundo*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Sommerhalder, C. & Nogueira, E. (2000). As relações entre gerações. In: Neri, A. & Freire, S. (orgs). *E por falar em boa velhice*. 101-112, Campinas: Papyrus.
- Tapscott, D. (1999) *Geração Digital. A crescente e irreversível ascensão da Geração Net*. São Paulo: Makron Books.

- Temoteo, P. (2006). *Alfabetização Digital na terceira idade: O impacto das novas tecnologias*. Recuperado em 25 de setembro de [http://www.iesc.edu/pesquisa/arquivos/alfabetizacao\\_digital\\_na\\_terceira\\_idade.pdf](http://www.iesc.edu/pesquisa/arquivos/alfabetizacao_digital_na_terceira_idade.pdf)
- Yassuda, M., Lasca, V. & Neri, A. (2005). Meta-memória e Auto-eficácia: Um estudo de validação de instrumentos de pesquisa sobre memória e envelhecimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(1), pp 78-90.
- Yassuda, M., Batistoni, S., Fortes, A & Neri, A. (2006). Treino de memória no idoso saudável: benefícios e mecanismos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), pp 470-481

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegado o término deste trabalho é possível perceber um grande aprendizado no que tange ao tema estudado, fazendo-se necessário pontuar alguns aspectos relevantes advindos do decorrer da pesquisa.

Primeiramente, cabe salientar a quantidade de idosos em idade avançada, na faixa de 71 a 80 anos, que está interessada em aprender informática. Foi preciso limitar o número da amostra em razão de este ser um estudo qualitativo e das respostas estarem se repetindo, pois a cada entrevista feita havia mais indicações de amigos e parentes com mais de 60 anos que estavam tendo aulas de computação. Apenas a demonstração da existência desse número de idosos buscando atualizar-se já denota a mudança cultural que ocorre no âmbito do envelhecimento. De um lado está a máquina que evolui incessantemente, de outro, estão os idosos que buscam compreendê-la. Assim, um novo olhar, criterioso, deve ser dirigido para essa faixa etária de forma que eles não fiquem excluídos desse conhecimento.

Buscou-se na literatura contextualizar o envelhecimento diante de alguns teóricos do ciclo de desenvolvimento humano, tendo como norte o envelhecimento bem-sucedido, para que, através do conhecimento das características inerentes ao ser humano desde sua concepção, fosse possível embasar uma discussão a respeito de suas potencialidades. E é inegável que elas existem, ainda que estejam adormecidas, precisando de um despertar. A relação existente entre manter-se uma pessoa ativa e viver um envelhecimento bem-sucedido foi uma das constatações encontradas nos estudos analisados, sendo que a informática aparece como um recurso complementar cujo maior benefício é a manutenção da atividade cerebral, ao mesmo tempo em que entretém e integra. Por certo, pensar sobre a longevidade exige uma postura que inclui adicionar qualidade de vida para o envelhecer visando o equilíbrio entre ganhos e perdas.



A pesquisa empírica evidenciou, nas entrelinhas de cada verbalização, o seu objetivo de compreender os diversos significados da informática para os idosos. Entre eles podem ser citadas a necessidade de acompanhamento, a afetividade, a amizade, a troca, a atualização, a renovação, o reforço de auto-imagem, a empatia, a sensibilidade, os estímulos, entre outros. A informática em si, nesse processo, pode ser vista como um ator coadjuvante que participa da cena e está ligado direta ou indiretamente ao ator principal, auxiliando, dando fluidez ao desenrolar dos acontecimentos. Apesar do papel secundário, a informática pode, em muitos casos, desencadear novas percepções diante de si mesmo, instigar a busca por novos desafios e novos aprendizados, principalmente para os atores principais deste estudo que são os idosos. E o mais importante talvez seja a possibilidade de permitir ao idoso a atitude de tentar e realizar, o que não é digno apenas da informática, mas por ser algo tão atual e quase que já inerente à vida do ser humano, tende a trazer um ganho essencial para a manutenção de um bem-viver na velhice.

Possíveis limitações desse estudo podem estar relacionadas com as características sociodemográficas da amostra, cujo nível socioeconômico não permite generalizações, embora tenha sido o foco da pesquisa. Como sugestão para próximos trabalhos, a título de curiosidade diante do número de idosos encontrados e de seu potencial de aprendizado, fica a perspectiva de se analisar a possibilidade da informática trazer algum ganho cognitivo para os longevos.

**ANEXOS**

## Anexo 1: Aprovação do Comitê de Ética da PUCRS



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Ofício 041/08-CEP

Porto Alegre, 08 de janeiro de 2008.

Senhor(a) Pesquisador(a)

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 07/04063, intitulado: **“Informática além do aprender: o ensino individualizado para idosos e seus diversos significados”**.

Sua investigação está autorizada a partir da presente data.

Relatórios parciais e final da pesquisa devem ser entregues a este CEP.

Atenciosamente,

Prof. Dr. José Roberto Goldim  
COORDENADOR DO CEP-PUCRS

Ilmo(a) Sr(a)  
Profa Irani Iracema de Lima Argimon  
N/Universidade

**PUCRS**

Campus Central  
Av. Ipiranga, 6690 – 3º andar – CEP: 90610-000  
Sala 314 – Fone Fax: (51) 3320-3345  
E-mail: [cep@pucrs.br](mailto:cep@pucrs.br)  
[www.pucrs.br/prppg/cep](http://www.pucrs.br/prppg/cep)

## Anexo 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estamos solicitando sua autorização para que você possa participar da presente pesquisa, que tem como principal objetivo identificar os motivos pelos quais alguns idosos buscam um ensino de informática, interpretando seus diversos significados. Para tanto, é necessário que você responda a uma Ficha de Dados Sociodemográficos, em que constam algumas questões relativas ao seu perfil. Também gostaríamos que você respondesse a 6 questões referentes ao uso do computador, ensino de informática e seu relacionamento com o professor. A sua identidade será mantida em sigilo e os dados serão colocados anonimamente à disposição da pesquisadora responsável pelo estudo. O benefício será a contribuição pessoal para o desenvolvimento de um estudo científico. É seu direito retirar-se da pesquisa quando quiser, sem que isto implique qualquer prejuízo a sua pessoa.

Eu, \_\_\_\_\_ (nome do(a) participante) fui informado(a) dos objetivos especificados acima, de forma clara e detalhada. Recebi informações específicas sobre o procedimento no qual estarei envolvido(a), do inconveniente previsto, tanto quanto do benefício esperado. Todas as minhas dúvidas foram respondidas com clareza e sei que poderei solicitar novos esclarecimentos a qualquer momento através do telefone (51) 33412516, da Mestranda Caroline Eifler Saraiva e (51) 33203633 sub-ramal 221, da Professora Irani de Lima Argimon, orientadora desta pesquisa. O telefone do Comitê de Ética em Pesquisa PUCRS é (51) 33203345. Sei que novas informações obtidas durante o estudo me serão fornecidas e que terei liberdade de retirar meu consentimento de participação na pesquisa em face dessas informações. Fui certificado(a) de que as informações por mim fornecidas terão caráter confidencial.

Consinto em participar desta pesquisa e declaro ter recebido cópia do presente termo de consentimento livre e esclarecido.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) Participante

\_\_\_\_\_  
Local e data

\_\_\_\_\_  
Mestranda  
Caroline Eifler Saraiva  
Matrícula: 07190727-3

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>ª</sup> Orientadora  
Irani de Lima Argimon  
Matrícula: 030554  
CRP 07/01211

## Anexo 3: Ficha de dados sociodemográficos

<b>Protocolo</b>	
------------------	--

FICHA DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS						
Entrevistador						
Data		Local				
Data de Nascimento		Idade		anos	Sexo	F M
Escolaridade	Ensino Fund. Completo			Curso Superior Incompleto		
	Ensino Fund. Incompleto			Pós-Graduação		
	Ensino Médio Completo			Outro:		
	Ensino Médio Incompleto					
	Curso Superior Completo					
Sua renda provém de	Pensão	Aposentadoria	Ajuda de terceiros	Salário	Outro:	
É em torno de	1 a 4 salários	4 a 7 salários	7 a 10 salários	10 a 14 salários	Mais de 14 salários	
Profissão						
Estado Civil	Casado	Separado	Solteiro	Viúvo	Outro:	
Como ocupa o tempo ocioso?	1 - Leitura			10 - Ginástica		
	2 - Música			11 - Cinema		
	3 - Palavras Cruzadas			12 - Jogos Eletrônicos		
	4 - Bingo			13 - Caminhada		
	5 - Televisão			14 - Bailes		
	6 - Futebol			15 - Atividades Manuais		
	7 - Bocha			16 - Atividades na igreja		
	8 - Cartas, Damas, Xadrez			17 - Computador		
	9 - Voluntariado			18 - Outra:		
Para que você mais usa o computador?	1 - Email		4 - Digitar textos			
	2 - Internet		5 - Falar com outras pessoas			
	3 - Bancos		6 - Outro:			
Há quanto tempo já usa o computador?						

**Anexo 4: Lista das 20 estrelas mais brilhantes**

Fonte: <http://www.cosmobrain.com.br/res/estbril.html>

#	Nome	Identificação	Constelação	Distância em anos-luz
1	Sírius	9Alfa	Cão Maior	8.6
2	Canopus	Alfa	Carena do Navio	312.6
3	Arcturus	16Alfa	Boieiro	36.7
4	Rigel Kentaurus	Alfa1	Centauro	4.4
5	Vega	3Alfa	Lira	25.3
6	Capella	13Alfa	Cocheiro	42.2
7	Rigel	19Beta	Órion	772.5
8	Prócion	10Alfa	Cão Menor	11.4
9	Achernar	Alfa	Rio Erídano	143.7
10	Betelgeuse	58Alfa	Órion	427.3
11	Hadar	Beta	Centauro	525
12	Altair	53Alfa	Águia	16.8
13	Aldebaran	87Alfa	Touro	65.1
14	Antares	21Alfa	Escorpião	603.7
15	Spica	67Alfa	Virgem	262.1
16	Pollux	78Beta	Gêmeos	33.7
17	Fomalhaut	24Alfa	Peixe Austral	25.1
18	Mimosa	Beta	Cruzeiro do Sul	352.4
19	Deneb	50Alfa	Cisne	3227.3
20	Acrux	Alfa1	Cruzeiro do Sul	320.6